

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 29 DE SETEMBRO / 5 DE OUTUBRO DE 1975 — N.º 13

ARQUIVAR



HOJE TEM:



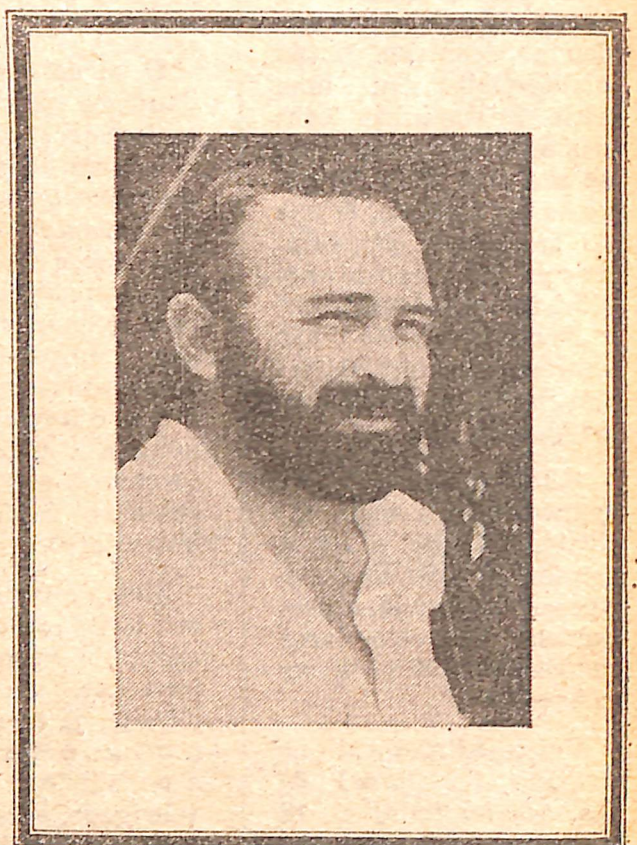
O PAULISTA JOGANDO pag. 12



A ESTRELA SUBINDO pag. 11

O "SINDACO" CHAMANDO pag. 16

CONTENTE ESTREANDO pag. 7



e mais:
A AGUA ACABANDO

PAG. 8 E 9

Canto Chorado

Os "miningildos" da colenda estão querendo grana para a pagodeira carnavalesca do ano que vem. E vão conseguir, claro que vão.

A um povo na sua mór parte carente de camisa, vivendo nos porões, à mingua de água, de esgoto e de luz, nada como um carnavalzinho para aplacar, ainda que só por três dias, as agruras de um bolso esvaziado pela conta dos impostos.

"Panem et circences", seria o lema, se não faltasse o pão.

Além do mais, é preciso fazer proselitismo com o "Zé Pereira", porque o Córrego do Mato não rendeu clientela eleicoeira nem p'ra uns nem p'ra o outro. E o fantasma do ostracismo já começa a sua ronda às portas da colenda com o propósito de renovar a infeliz renovação que tornou a emenda pior de que o soneto.

E' por isso, e por outras necessidades óbvias que o entrudo vai mesmo acontecer.

Línguas bisbilhoteiras já adiantam pelos quadrantes alguns detalhes do préstimo momístico que percorrerá ruidosamente as ruas centrais da papolândia.

O pessoal da Vila Arens quer, também, que passe por lá, mas não vai ser possível pelo iminente perigo de caírem os foliões nos buracos da Vigário.

Posto que, prematuro o tempo para que se possa descrever com mais detalhes o monumental desfile, bem como a simbolização dos respectivos figurantes, ataviados em aurifulgentes fantasias — já se fala nas deslumbrantes fantasias e alegorias em competição.

No carro da frente — Rei Momo desfilará sorridente ao lado de seus secretários e sacerdotizas em mini-saias, bem nutrido e indiferente aos "pernachios" galhofeiros do geneio.

No carro imediato — Gigantesco painel colorido, retratando as Vilas S. Camilo, Liberdade e uma vintena de outras vilas, na ostentação do mirabolante "progresso que se acentua de minuto a minuto".

No carro n.º 3 — Uma Cruz, com braços muito grandes estringe legiões de mendigos que não se cansam de trautear uma paródia chistosa do hino "Terra Querida Jundiá".

No carro da colenda — Desfilam os "miningildos" dançando o rebolado. É um carro de esculacho, onde em delirante "miss-en-cene", vão se reconstituindo episódios históricos como o da presidência, com um escondido na "casinha" — é como a chamavam os "antigos" — e outro fugindo espavorido com o marido da Gabriela. Param, de quando em quando, para rustir um prato de lentilhas, limpando empós... o prato com o relatório dos engenheiros.

A pé, por trás dos dos "miningildos", segue um cordão de maltrapilhos barrentos, provindos dos subúrbios proletários, entoando um salmo penitente que acaba sempre no estribilho — mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa...

Cerrando a fila — Uma bruxa grotesca, suja, esquelética, hemóptica e mal-cheirosa, se identifica por uma chaga que traz sangrando no peito. É a velha Petronilha. Ao rabo de sua saia duas centenas de "chupetas" seguem cantarolando alegremente — mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar...

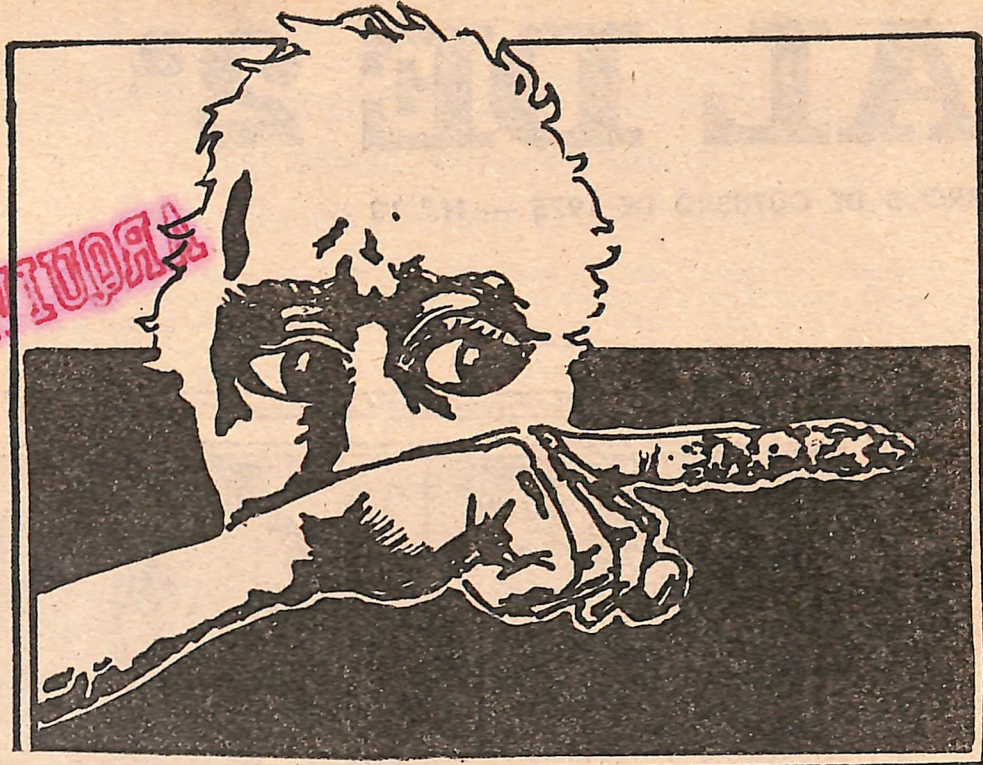
Acrescentam, outrossim, os "experts", que um carro extra vai entrar de "bicão" no curso do último dia. Só do último dia, para não correr o risco de ser apedrejado. É um carro zombeteiro e vem financiado de fora, representando um basculante carregado com terra só até a metade. No interior, dois corvos vorazes em cima da carne seca, atiram chacotas à multidão comprimida nas calçadas estreitas e esburacadas.

Por enquanto é só o que se pode adiantar, mas que dá p'ra perceber o carnavaizão que vamos ter no ano da graça, quer dizer, no ano das eleições.

Nós vamos ter um carnaval de arromba Com o mundo oficial em travesti. Os homens vão sair de mãe maromba E as mulheres de índio guarani.

Por trás dos cujos vem o carro dos chupetas E um que faz o povo c'o pescoço na forquilha. Os demais vão sugando as magras tetas Da velha Petronilha.

SIMÃO



O confidente e o inconfidente

Bzzz, bzzz, o cara me cochichou. Não disse o nome, apenas que uma pessoa ligada à Administração Municipal tinha a pachorra de, toda terça-feira, levar um exemplar do *Jornal de 2.a* pra São Paulo e entregar, em mãos, a uma alta autoridade federal.

Caminhamos mais alguns passos durante o breve silêncio que sucedeu ao cochicho. Então o fofoqueiro deu uma série de tapinhas leves nas minhas costas, como se costuma fazer ao parente do falecido, depois do enterro, e despediu-se com um olhar de cursilista recém-formado.

Naquela noite não consegui dormir: havia um maldito pernillongo no quarto.

Somente no dia seguinte, com a vista ardente, foi que voltei a pensar no bzzz-man e, apesar de sonado, o pensamento me veio claro: subversão! Só pode ser subversão!

Fui imediatamente ao arquivo do *Jornal de 2.a*, peguei todos os 12 números publicados, me-

ti-os debaixo do braço e saí, pensando em achar um local seguro, isolado, onde poderia reler cada matéria, cada linha editada.

Optei pela Avenida "9 de Julho", um lugar ermo mas suficientemente iluminado (eu previa que a leitura tomaria algumas horas e talvez continuasse pela noite adentro).

O silêncio e a solidão daqueles dois extensos quilômetros de asfalto, se por um lado me eram favoráveis, tinham o inconveniente de fazer com que o meu pensamento parecesse gritar para o mundo: subversão, subversão! Procurei pensar mais baixo, o que consegui somente quando li a matéria referente à sessão extraordinária da Câmara de Vereadores.

Mais tranquilizado, reli todos os assuntos — exceto, é claro, esta coluna que, uma vez publicada, já não mais me pertence e sim à cultura e ao público em geral (obrigado, leitores!).

Reli e achei incrível!

Que maldade a gente estava fazendo, pondo às claras, com documentos, números e tudo, os momentos de fraqueza dos que nos chefiam!

Que ingenuidade a nossa, revelar concorrências irregulares, pareceres de jurista renomado condenando o ato, Comissões Especiais de Inquérito, aumentos violentos de impostos, que ingenuidade revelar tudo isso... a inimigos da Administração, pessoas que sub-repticiamente se valeriam das nossas publicações para delatar nossos homens públicos às autoridades! Pessoas que se disfarçam em amigos do Executivo e do Legislativo, que convivem na intimidade do poder e depois, valendo-se de nossas palavras impressas, incontestáveis, usam-nas para consolidar o que poderá vir a ser um terrível escândalo para a história da cidade.

Ah, como eu gostaria de saber o nome desse Judas, desse Calabar, desse, por que não dizer, subversivo!

ERAZÉ MARTINHO



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**

**IMPRESSOS
EM GERAL**

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS

Composições Linotipográficas
Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Araken Martinho
Ilustrações: Ivan Martinho e Suzana Traldi de Souza
Oficinas Impressoras: "Diários Associados"
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

O custo alto do asfalto

A administração municipal continua a dar ampla publicidade ao plano de asfaltamento das ruas da cidade. E continua a fazer pressão junto aos proprietários, para conseguir sua necessária adesão. Apenas uma coisa importante não tem sido feita por essa administração: proporcionar as condições necessárias para que este asfaltamento se faça a preços justos. Ao contrário, o asfalto só pode ser feito pela Andrade Gutierrez, a preços altíssimos.

Por que esta insistência em fazer apenas com essa firma todos os serviços de asfalto, apesar de seus preços inconvenientes? Por que não se tomam as providências para o credenciamento de outros empreiteiros, que possam oferecer melhores condições?

O próprio processo de credenciamento da Andrade Gutierrez para os serviços de asfaltamento, como uma extensão do contrato de execu-

ção do Sistema Viário, já peca pela origem. Já foi amplamente demonstrado que tanto na preparação como no julgamento das propostas da concorrência pública do Sistema Viário, o interesse do município foi prejudicado. A Comissão Especial de Inquérito da Câmara Municipal considerou o contrato com a Gutierrez lesivo ao patrimônio público. A extensão deste contrato para a pavimentação das ruas não é mais do que uma ampliação de tal lesividade.

Isso se confirma com facilidade. E' só analisar a concorrência, no que diz respeito aos serviços de pavimentação. Os preços da Gutierrez eram muito superiores aos das outras firmas. No quadro abaixo, estão relacionados com a pavimentação, e os preços unitários apresentados pelas firmas Andrade-Gutierrez, C. R. Almeida e Firpavi. Observe-se que são preços de janeiro de 1974.

Hoje, devem ser aumentados de quase 80%, por conta da correção monetária. Um rápido exame deste quadro evidencia a disparidade dos preços da Gutierrez com relação às outras firmas. Apenas um item ela cotou mais baixo que as concorrências: a sub-base ou base de brita graduada. Só que aconteceu uma coisa interessante: este item não vem sendo executado! Em lugar de brita, a base do asfalto está sendo feita com solo estabilizado. Está sendo usada a terra e o cascalho da serra do Japi, escavada e transportada para a cidade, a preços Gutierrez.

Os vultosos serviços de pavimentação das ruas estão sendo dados, portanto, para a firma que, na concorrência, apresentou para os mesmos os piores preços. Estranho critério, esse. Representa completa inversão de valores, pois o que menos prevaleceu foi a busca do preço justo e a defesa do interesse público.

SERVIÇOS		PREÇOS		
		Gutierrez	C. R. Almeida	Firpavi
Regularização de sub-leito	(m3)	3,00	1,22	4,00
Reforço do sub-leito	(m3)	30,00	11,27	6,00
Sub-base ou base de brita graduada	(m3)	50,00	90,00	100,00
Binder	(m3)	450,00	336,00	250,00
Concreto asfáltico	(m3)	520,00	367,00	300,00
Ligante	(m2)	2,50	1,15	0,90
Impermeabilizante	(m2)	2,50	1,87	1,10
Preparo de caixa, em solo, até 30cm profundidade	(m2)	13,00	0,87	5,00

(Obs.: — Preços referentes a janeiro de 1974)

FRANCISCO DE ASSIS OLIVA

REFLEXÃO

A insolvência da Prefeitura

Sob o título dessa coluna, por muitas vezes criticamos veementemente a atual administração municipal. Há quem pense e interprete que usamos até de um certo exagero. Sofremos uma interpeleção judicial e uma representação criminal quando abordamos diversos fatos ocorridos no subtítulo "A MESA REDONDA E A SUSPEIÇÃO", isto em 1974, em outro órgão escrito local.

Para aqueles que segundo a sua conveniência fizeram e fazem tal interpretação, hoje não emitimos qualquer opinião. Nos cingiremos simplesmente a transcrever uma petição, datada de 10 do corrente mês, subscrita pelo advogado da Capital, dr. Domingos Marmo, endereçada ao MM. Juiz da 1.ª Vara de Jundiá, peça pública e que, portanto, sua divulgação não deve causar estranheza a ninguém, bem como não implicará qualquer infringência às disposições positivas do nosso direito.

"Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da 1.ª VARA DA COMARCA DE JUNDIAÍ — SP.

O MOSTEIRO DE SÃO BENTO, por seu advogado e nos autos de DESAPROPRIAÇÃO que lhe moveu a MUNICIPALIDADE LOCAL — em fase de execução — vem expor e requerer o seguinte:

— I —

"O patrono da requerente acaba de ter conhecimento dos termos jocosos do ofício de fls. 241, pelo qual o Sr. Alcaide não se pejou de declarar a insolvência própria e/ou da Municipalidade e, esquecendo-se de que JUNDIAÍ

não é qualquer "Caixa-Prego" de nosso folclore, intenta protelar para 1977, o cumprimento de uma obrigação líquida e certa, fixada (sob ressalva de atualização, consignada no R. despacho que homologou conta de fls.) no importe de Cr\$ 2.532.842,25 mais 357,60 igual a Cr\$ 2.533.199,85.

— II —

Sem prejuízo do que adiante se requer, mas no intuito de fixar a responsabilidade pessoal do cidadão-prefeito IBIS PEREIRA MAURO DA CRUZ, nos termos do art. 107, parágrafo único da Constituição Federal, quanto aos prejuízos que sua recusa em pagar o devido, representa para os cofres municipais —deixa o suplicante consignado o óbvio, isto é: a ação teve início em 1972 e a sentença de primeira instância foi prolatada em fevereiro de 1974. Portanto, e a menos que o Sr. Alcaide esteja mal assessorado, devia ter incluído, no orçamento do corrente exercício de 1975, verba necessária não apenas a esse encargo previsto, como a outros que, ao que consta, vêm onerando penosamente os municípios!...

— III —

O fato de Sua Excelência não se ter lembrado da obrigação comecinha de organizar o orçamento de sua administração dentro dos ditames da probidade e zelo funcionais, corriqueiros, configura omissão, e a omissão caracteriza culpa — elemento suficiente para que se lhe aplique (ao Sr. Alcaide) o disposto no parágrafo único do art. 107 da Constituição Federal e, por via judicial

adequada, ver-se Sua Excelência, amanhã, obrigado a repor, de seu patrimônio pessoal, aquilo que o erário municipal terá de pagar a mais, com a correção monetária e juros de mora aplicáveis até o efetivo pagamento do débito.

— IV —

Fica, assim, consignado o PROTESTO de haver, qualquer do povo desta operosa e digna cidade de Jundiá, do cidadão IBIS PEREIRA MAURO DA CRUZ, oportunamente, os prejuízos que foram causados aos cofres municipais pelo não pagamento atual da quantia apurada a fls. destes autos, consoante o citado art. 107, § único, da Constituição Federal, prejuízos esses desde já referidos à correção monetária e juros de mora sobre o total da importância apurada atualmente.

— V —

Contudo, no exercício do direito seu, o Mosteiro requerente pede seja formalizada, nos termos do art. 730, incisos, e seguinte, do CPC, a execução por quantia certa, citando-se a devedora, sob as cominações do art. 14 e seguintes do mesmo CPC, para embargar em dez (10) dias, querendo, proseguindo-se como de direito.

Termos em que,
P. Deferimento.
Jundiá, 10 de setembro de 1975
(ass.) Domingos Marmo
OABSP 5004/CIC 038962508
Rua Barão do Paranapiacaba, 24 — 3.º — s/24 — Fones 34-3805/36-9890/70-8254."
TEMOS DITO E NOTIFICADO.

O PENSADOR

Em nome do direito de discordar

Como a ninguém é dado ignorar, a reta é o trajeto mais curto a percorrer quando se pretende ligar dois pontos objetivos.

Daí, ao invés de andarem seca-e-meca pelas fontes de autoridades públicas, no intuito de que se lhes emprestem as mãos para tirar a castanha do fogo, os mentores da situação local, se propusessem, por eles mesmos, a sofrer as críticas, sátiras e acrimônias veiculadas em nossas colunas, talvez chegassem a um resultado mais satisfatório no colimado propósito de taparem o sol com a peneira.

Baldadas serão quaisquer tentativas de nos implicar em questões de ordem subalterna, já que irão esborroar-se de encontro a uma folha corrida a cavaleiro de práticas matreiras e subjetivas.

Emergimos da necessidade de dotar a nossa terra de um órgão publicitário imune aos acenos do erário, a fim de que o povo tivesse uma tribuna livre, desenvolvida e solícita.

É o que somos, cidadãos pacatos, sempre obedientes aos ditames das leis maiores e muito especialmente da que rege o comportamento da imprensa em nosso País.

Voltando à premissa, queremos dizer que a maneira mais expedita e adequada de neutralizar a malversação circunvagante não é aticar os poderes com o escopo velado de fazer deles o instrumento defensivo de uma situação acocimada como menos criteriosa na aplicação das reservas municipais. Não importa saber quem redigiu as críticas que porventura não sejam de seu agrado. Cumpre rebatê-las, com desassombro, honestidade e serenidade, sem diatribes nem reações intempestivas, aceitando-as no todo em parte quando procedentes, malgrado o azedume que possam trazer nos seus considerandos.

Se assim agissem, os nossos governantes dariam um salutar exemplo de maturidade e consciência do que seja o direito de criticar, direito que se impõe como o apanágio da democracia.

Eminentes paradigmas da política brasileira, quer no passado quer no presente, receberam críticas, mesmo as mais acerbas ou irreverentes, como um alarma às suas diretrizes, na sábia convicção de que até de uma criança pode-se colher ensinamentos.

Por que, então, andar por caminhos ínvios e pífidos para, com intuito inconfessável, fazer calar um porta-voz da opinião pública?

Há que se dar guarida ao axioma de que um povo sem imprensa é um povo descoberto. E que a cultura de uma comunidade se mede pelo número de jornais que ela possa sustentar.

Não regatearemos, pois, ao povo, por dever de ofício, o ensejo de conhecer a vida administrativa da cidade, usando, quando preciso, de normas as mais áspers, quer seja no comentário objetivo, quer seja nas sátiras ou no "ridendo castigat mores", como agentes disciplinadores de erros e distorções que sob quaisquer pretextos possam acarretar prejuízos à coletividade em cujo seio vivemos.

PALLETS E EMBALAGENS DE MADEIRA, MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS EM GERAL, PARA INDÚSTRIA E CONSTRUÇÕES — ISSO TUDO É COM



MADEGERAL

O maior mercado de madeiras da região
Rua da Várzea, 131 - Fones: 4-3166, 4-3822 e 6-7366

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

Uma exceção para o J. 2.a

Sr.: — Não acostumado a escrever a jornais, estou abrindo uma exceção para me manifestar a respeito desse semanário, visto que é ele, sem dúvida alguma, o jornal de maior aceitação nesta cidade, tanto pelos fanáticos como pelos não acostumados a Jundiaí.

Tenho notado a variedade de artigos e posso dizer que até agora não consegui entrar em con-

tradição com esse jornal, que mexe com o que tem que ser mexido e não tem medo de dizer a verdade que há muito tempo tinha que ser dita e não o era.

Francamente, gostaria de conhecer esse jornal centímetro por centímetro, pessoa por pessoa, pois vocês aí devem conhecer esta cidade de ponta a ponta, jundiaense por jundiaense!

Luis Hapmann

A pena mágica do "Bartimeu"

Sr.: — Li com satisfação, e dei gostosas gargalhadas, a sátira de "O Bartimeu" intitulada "Ao gosto Quantum Satis". O articulista é uma parada!

Embora o escrito seja uma preparatória, em grande parte, para a gozação final dos vereadores alinhados com a Administração Municipal, é tão bom que deve ser saboreado por todos os jundiaenses, independente de credo político.

O perfil do "Padinho Elizeu" é perfeito. A descrição do nosso caboclo com pouca instrução, mas sempre preocupado com os problemas de nossa terra, principalmente com o malabarismo de alguns políticos, é uma verdadeira có-

pia autêntica de habitante da zona rural.

Creia, senhor Redator, que a crítica citada agradou em cheio, desopilando o fígado de muita gente, promovendo bastante o seu jornal.

Além de atingir o objetivo visado pelo autor, a sua pena mágica consegue ainda dar à sua estória engraçada um toque de seriedade, mostrando ao homem que labuta no campo também vigilante e atento aos acontecimentos políticos de sua região.

Parabéns, pois, ao seu jornal e ao magnífico senhor "O Bartimeu".

Mário Gonçalves — Rua Siqueira de Moraes, 636 — 2.o andar.

Teatro. Em Jundiaí?

Teatro, em Jundiaí, parece que agora está se difundindo bastante. Principalmente nas escolas, onde o movimento é muito grande. Todos os alunos sentem vontade de fazer teatro. Contamos, em Jundiaí, atualmente, com o Teatro Estudantil Rosa, Teatro Interno Padre Anchieta e o Grupo de Teatro Livre. Se tudo continuar assim, precisaremos de um, pelo menos um, teatro. A cidade está crescendo. PRECISAMOS DE UM TEATRO. Falei? Queremos ver tea-

tro em Jundiaí. Esse novo fôlego deve ser capitalizado. Ouvi dizer que existe um Conselho Municipal de Cultura. Será que ele nos ouve também?

João Carlos Zonirato

Parabéns

De parabéns a equipe do Jornal de 2.a, por conseguir, dentro de seu quadro de redatores, a capacidade de Célia de Freitas. (Sérgio Bochino)

Retrato do crepúsculo de uma vida

A sala é escura pelo tempo nublado, abafada pelo ar parado, mas acolhedora. Da cadeira, onde leio, mal consigo acompanhar as linhas do jornal. Levanto a cabeça, procurando, no infinito, descansar a vista já ardente. Espremo os olhos, abro-os devagar e vou notando aquela figura em contraste com a pouca luz que vaza o vitró.

No sofá, ela descansa em frente a mim, há algum tempo já adormecida. Ali já, solta, ou melhor, jogada na poltrona. Ela, cuja pele enrugada mais parece uma roupa grande para o pequeno esqueleto que veste. Sua cabeça, pensa para irás, boca aberta, donde precipita a centadura posita de suas gengivas já murhas. Eoca que so se fecha repentinamente, quando acorda de scbito.

Seu corpo, escapando das almofadas, numa posição nada cômoda, dava a ela a liberdade do mal jeito. Uma das mãos sobre os seios flácidos, que já pendem sobre a barriga e a outra jogada sobre a almofada, inerte.

O único sinal de vida são algumas contrações que aquela mão em concha, repentinamente, reflete algum sonho. Esclerosada, vivendo num mundo de fantasia, quando dorme, como agora, deixa transparecer o cansaço da vida. Vida pequena e regradada, cheia de conceitos, que só ajudaram a diminuir a sua autenticidade.

Ai... como me sinto covarde cada vez que penso que bom seria ser como ela... já ter servido na vida, ter se servido da vida e estar servindo para a morte!

Edson de Castro

Oração para o homem simples

I

Deixa-me sentar contigo irmão,
E pegar-te nas mãos calosas
Tão rudes e sofridas:
Mãos que constroem
Nos tijolos que se assentam,
Ou no revirar da terra que se lavra.
Deixa-me ver além do teu aspecto
Grosseiro e enrugado,
Para que eu penetre
Até a mais profunda zona
Do teu sofrer dissimulado.

II

Deixa-me falar por tua boca morta,
Aos bofetões fechada.
E cantar a música
dos teus lábios emurchecidos,
que mais parece lamento
e murmúrio de dor.
Para que teu cantar
paire no espaço
dos que se julgam
Maiores do que tu,
Deixa-me falar.

III

As portas da sensibilidade
dos "civilizados" e "cultos"
fecharam-te para fora,
A fim de que não saias
do vale sem horizontes,
Para que não voltes dos tempos subterrâneos,
Para que não os atinja
O timbre de tua voz endurecida.
O tinir do ferro de tuas enxadas,
Para mim são sinos repicando
Os salmos da esperança!
Eu não vejo rudeza ou grosseria
Quando voltes do trabalho para o lar
E ao lado da mulher cansada,
Tu que não sabes,
(despojado de finuras)
beijar a criança,
Apenas com teu olhar sentido
penetras o rosto envelhecido
da tua companheira,
Deixa-me estar ao teu lado.

IV

Quero cantar-te todo,
De macacão ou fardado,
de botas de borracha
ou luvas de boiadeiro,
Maquilado de graxa
ou de reboque enfeitado.
Quero cheirar-te o suor
Acre, forte, condimentado,
com odor de terra cultivada
e ressaibos de máquina consertada.

V

Deixa-me cantar-te!
Portões de fábrica...
Braços de charrua...
prisões a prisões,
elos por elos,
Para que outros
Ouvindo meu cantar
ouçam os teus anelos.
E passo a passo quero
Apropriar-me de tua luta,
Pô-la em meu peito,
Prendê-la em minhas mãos,
como um caudal de raios flamejante,
Na tempestade de desejos incontidos.

VI

Deixa-me chorar irmão
as tuas horas
os teus anos,
idade cegas,
séculos estelares
Universo transbordante.
Dá-me teu silêncio,
Dá-me tua esperança,
Dá-me tua luta,
E de ti irmão hei de cantar,
De tuas belezas escondidas,
Tua fé
Teu labor
Teu carinho,
E meu canto maior
e minha lira exangue
por ti háo de falar
C'as minhas palavras,
e o meu próprio sangue.

(García Lorca)

Colaboração:
FRANCISCO ANDREOLI
(vereador em São
José dos Campos)

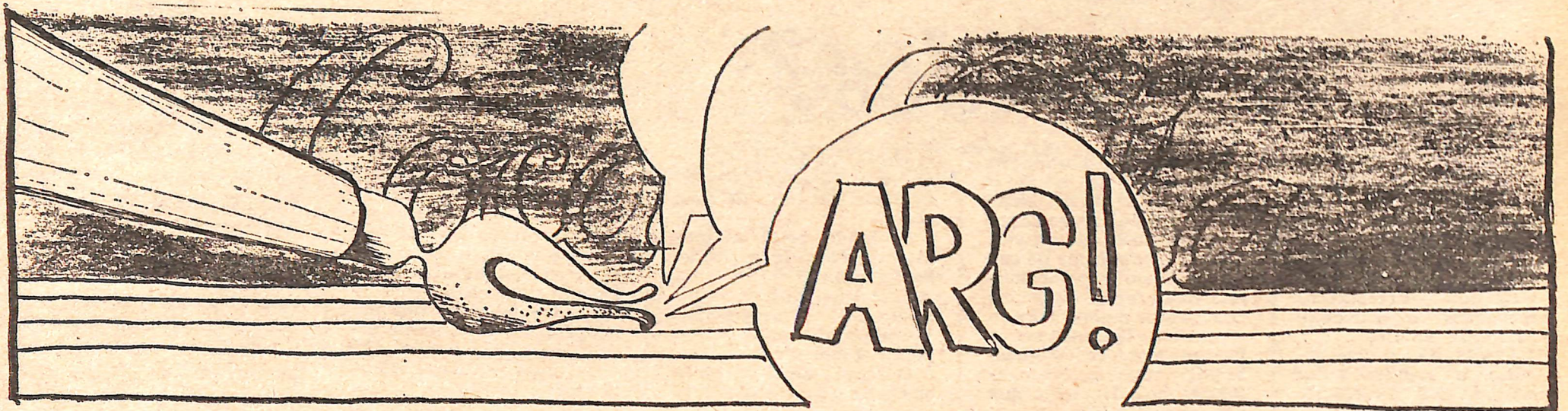


LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

Apostila para 76



In illo tempore

E era assim. Ao anoitecer a piaçada se enfileirava para o banho; a baciona, a chaleira com água fervendo depois amornada com água fria, a lavação, primeiro a cara e o pescoço, "azoreia", e por fim os pés até os joelhos. Tirava o mais grosso na enxugação com a toalha de pano de saco de farinha e ia "quentá fogo" no poião do fogão à lenha. E era então hora da janta; o mais gostoso era no fim, que ninguém conhecia a palavra sobremesa: Curáu, ou pamonha, ou sequilhos, ou suspiros, ou melado com farinha de milho, regalos de lamber os beijos. E aí vinha o serão, as estórias, os acontecidos, os "assussedeu-se..." prosas que os grandes proseavam com os grandes; pr'os pequenos ouvirem. Se por acaso e pra alegria nossa apeasse na nossa casa um hospede, éta conversaiada supimpa! Isto ia até que o relógio "cavalinho" bem lá no alto da parede "prá ninguém buli" desse as oito. Então minha vó, sinh'Ana reunia o povinho para rezar o terço. Vovó "puxava" o terço tudinho em latim. Tudo não, que "asave-maria" e os "padrenosso", não. E a criançada, tanta criança que minha mãe e minha vó até erravam o nome no chamar, se ajoelhava em frente ao oratório, as velas acesas uma de cada lado do altarzinho, num "se ajoelha" engraçado com os pézinhos bem esticados para traz, "azunhinas" encostadinhas no chão, os pés bem "pareio" co'as canelas, a bundinha encostada nos calcanhares. Vinha o "no primeiro mistério contemplamos..." e antes do "no segundo mistério..." "a criançada já tava cabeceando de sono, "pescando"... Terminado o terço vinha a ladainha; virgo fidelis, virgo potens, virgo amabilis, patati patatá... e os outros, na resposta ora pro nobe, ora pro nobe, que caboclo acha pretensioso, pernóstico pronunciar os is final nem dos final eles gostam, todo mundo rezando junto fica um iss final tão feio, tão "sem gracera"...

A menina só garrava a acordar quando chegava na "salve rainha" que era o fim da reza, se a vó não cismasse de rezar mais uns "gloriopatri" por intenção disto, daquilo, de fulano, sabemo lá! Nem bem terminada a reza, era a correria para a cama; os maiorzinhos subiam depressa mas os menorzinhos esperneavam pra subir naquela camona tão alta. Naquele tempo cair da cama era perigoso, era que nem cair do primeiro andar. Olhar embaixo da cama, isso não, não acontecesse de estar lá um saci ou coisa ruim da braba...

Bom, eu desgarrrei, fugi do assunto. Vamos voltar ao momento em que a vó,

acesas as velas, abriu o oratório: Entre as flores artificiais de papel crepon, que imagem tava lá? Lógico, a Virgem Santíssima. Meio de banda, menorzinho, algum sant'antonio, ou são sebastião, mesmo do "bao jesuis" mãos atadas, pequeninho. Grandona mesmo, Nossa Senhora; enorme era minh'avó puxando o terço; grande era minha mãe de joelhos, o menorzinho no colo, dormindo, cabecinha no entre-seios, gostosura de sono.

Reminiscências? Qual o que! Vamos chamar de "análise". Quem se atrevia, naquele tempo, pedir fosse lá o que fosse lá o que fosse, pro pai? ou avô? Tinha que pedir pra mãe ou prá vó. Não sei por que artes de alcova, na sexta-feira meu pai dizia:

Ocê amanhã, se corrê bem o serviço pode ir na vila; m'esteja em casa às onze.

S'eu tivesse pedido pr'ele, não deixava. E nem pedindo pra mãe, não deixava mais. Adeus rastapé! E minha vó não se cansava de dizer que o primeiro milagre de Jesus foi pro intercessão da Mãe. Análise? Certo. "Os home" de antanha viviam num malemá disfarçado regime Matriarcal.

E quando os machões descuidavam apareciam baronesas, marquesas e petronilhas que botavam ordem no galinheiro. Os homens tinham que ocupar seu lugar impelidos pelas mulheres.

Hoje a mulher deixou o lar. Corre com o homem em todas as profissões e não manda mais em nada. Não manda mais nos homens e os desencorajam.

Eu tô muito velho pr'a me candidatar a vereador. Mas você que é moço? Sua namorada não deixa? Ou sua mulher? Desde que esquecidos do seu papel elas estão em todas, vamos então elegê-las para a vereança. Eu, por mim, já preni a rumá cozinha.

Não se esqueça mocinha. Tamo precisando de candidatos. Ele ou Você?

O Bartimeu

No vestibular de 76, manda a nova lei, haverá provas de redação. Desacostumados ao hábito de alinhavar raciocínios, substituídos que foram por funcionais cruzinhas colocadas estrategicamente dentro de quadrinhos, alguns estudantes protestam com uma certa veemência diante de tão desatinada exigência. Ora, escrever para que, se eu vou ser engenheiro (médico, dentista, físico, matemático, administrador de empresas)? — perguntam eles.

Realmente, esses rapazes têm carradas de razão.

Quem precisa escrever, são os escritores. Os médicos medicam, os dentistas dentistam, os físicos fisicam, os matemáticos matematicam, os administradores administram.

Os cursinhos, esses denodados e zelosos defensores dos interesses estudantis, saberão encontrar uma solução para evitar que os seus clientes (digo, alunos) percam preciosas parcelas do seu tempo tentando coordenar um raciocínio, tendo coisas tão mais importantes a fazer.

Eles podem elaborar modelos de redação, que os diligentes alunos teriam apenas o trabalho de decorar e, no momento crucial, lançar no papel. Os temas não deverão variar muito. Os examinadores não são muito mais originais do que os alunos.

Como colaboração, aqui vai um modelinho, com temas bem abrangentes, principalmente se o candidato se destina à área de Ciências Exatas:

"No mundo hodierno, dominado pela devastação do meio ambiente, através da ação deletéria das multinacionais, os instrumentos de exceção constituem, sem dúvida, os elementos essenciais para a formação de um embasamento doutrinário despojado de extremismos.

Muito embora a perfunctória atuação dos elementos de accidentalidade contribuam de forma decisiva para a formação de índices subjacentes, é fora de dúvida que a marginalidade das massas, dissociadas do processo de engajamento político, tende a agir retroativamente nos processos de fixação de capitais.

Torna-se porém indispensável, do ponto de vista

meramente subjetivo, analisar as contradições derivadas de um pretense aggiornamento no campo episcopal, que só tendem a agir na infra-estrutura de forma a assentarlhe os alicerces".

É evidente que o aluno não terá dito nada, mas com uma certa elegância e um certo hit de contemporaneidade. Tem gente muito mais famosa do que ele que fala e escreve assim e — digamos — está bem de vida.

Já se o aluno se destinar a uma área mais afim com as Humanidades, e preferir posar mais para o literário do que para o temático — ideológico — tecnocrático, poderá conduzir sua redação mais ou menos assim:

"Fulgurava o sol no horizonte naquela manhã radiante, enquanto as flores despetalavam-se como flocos de algodão soltos ao vento. Ao longe, ouvia-se o trinar dos passarinhos, que revoavam alegremente em bandos, traduzindo com suas cores e gorjeios, toda a imensidão da Mãe Natureza.

As nuvens, no céu, formavam múltiplos desenhos, que mudavam ao sabor dos caprichos do vento.

Era primavera".

Se os professores forem dados à literatice, nota 10 garantida. Se eles tiverem um pouco mais de senso crítico, naturalmente considerarão o texto como uma colocação irônica diante do kitsch literário, e é bem possível que também abram mão de um 10.

Como se vê, esses bravos vestibulandos não têm muito o que temer. Escrever não é tão difícil quanto parece. Por isso, é melhor eles se preocuparem com a caligrafia.

SANDRO VAIA

EXISTEM 14 CORES DE TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR E ARMÁRIOS DE EMBUTIR ASTRA. O QUE TORNA QUASE INCRÍVEL QUE AINDA EXISTAM BANHEIROS MAL DECORADOS.

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 — Tels.: 6-4650 e 4-1489
S.A. Indústria e Comércio

Estão servidos?

A publicação do balanço da Prefeitura Municipal de Jundiá de 1974 oferece-nos dados sobre despesas com almoços e jantares que merecem estudos e considerações.

Os gastos com recepções, homenagens e hospedagens foram de Cr\$ 151.824,88, e com viagens, estadias e representações somaram Cr\$ 53.423,07, num total de Cr\$ 205.247,95.

Sómente o Gabinete do prefeito gastou a quantia de Cr\$ 136.695,38 com recepções, homenagens e hospedagens.

Poderíamos parar por aqui e deixar o espaço que nos é reservado, em branco, para o leitor do nosso jornal completar a seu gosto.

Mas não será justo. É necessário que se verifique como foi utilizado o dinheiro para evitar interpretações errôneas de algo que poderá ser plenamente justificado.

Então, cumpre-nos, já que metemos nossa colher no brodo, esclarecer que

tais verbas têm destinação específica e se gasto o numerário de forma indevida, poderá representar irregularidades até graves.

Daí a necessidade de ser demonstrado pelos comensais como foram efetuados tais gastos, mesmo porque recepções, homenagens e hospedagens, como constam nas rubricas orçamentárias, são afirmações que não se confundem.

Contas, se houveram, com almoços e jantares do prefeito mais os seus auxiliares em restaurantes locais, foram irregularmente empenhadas.

Uma vez que todos ganham para trabalhar, nada mais correto do que almoçarem e jantarem em suas casas.

Se as despesas foram efetuadas de acordo com a destinação orçamentária, não custa demonstrar, não só para os curiosos como nós, como e especialmente, para prestação de contas a que o povo tem direito.

Para se ter uma pálida idéia do volume desses gastos é só verificar que

representam 5,25% do que se arrecadou com o Imposto Predial. É coisa de rico, gente.

Pensando bem, o jundiense chora mesmo é de barriga cheia.

Afinal de contas, os impostos foram aumentados. Vamos almoçar, vamos jantar. Estão servidos?

O recado aqui vai para os senhores vereadores municipais.

Já tarda um requerimento solicitando para que o chefe do Executivo forneça informações detalhadas sobre o fato, com anexação de cópias das notas fiscais.

Se de fato as despesas foram realizadas com recepções a autoridades e homenagens a quem de direito e hospedagens necessárias ao serviço público municipal, muito bem, registre-se o fato.

Caso contrário, a lei é para ser aplicada e não utilizada como enfeite nas estantes burocráticas e muito menos de escudo para políticos comodistas.

O contribuinte munici-

pal, que todo mês enfrenta a fila no banco para levar rico dinheirinho destinado ao imposto da parte de cima e da parte de baixo do lugar que descansa a carga, ou melhor dizendo, o Predial pela casa e o Territorial pelo lugar que ela ocupa, o terreno, tem o direito de saber o que está acontecendo. Vamos informá-lo?

Aproveitando. Está certo esse negócio de cobrar o Imposto Territorial onde tem casa? Pelo que temos lido, o imposto territorial é para onerar áreas desocupadas e outras onde se pratica a especulação imobiliária de poucos contribuintes muito ricos. Mas quando a área desocupada passa a ter uma casa em cima, o Imposto Territorial continua? Pois continua.

Então é balela essa de tributar os terrenos para castigar os que não querem construir nem vender? É balela sim, senhores.

VIRGILIO TORRICELLI

Processo contra

O Pensador

acabou em nada

Em maio de 1974, quando a cidade toda protestava contra o escorchantemente aumento dos impostos municipais, a Rádio Difusora Jundiáense tomou a iniciativa de convidar o prefeito, vereadores e representantes das classes trabalhadoras, liberais e empresariais para democraticamente irem debater o assunto diante de seus microfones, para o que era cedido o tempo integral (depois prorrogado) do seu programa "Mesa Redonda".

Confirmando o presságio dos milhares de contribuintes descontentes, essa mesa-redonda deu em nada. O prefeito falou mais alto que o próprio dono-da-casa, propôs, publicamente, a adquirir uma propriedade deste pelo valor calculado para efeito de tributação, chegando mesmo a preencher um cheque com a

quantia estipulada frente aos microfones, etc. etc. Só restou, de real proveito, uma promessa do prefeito ao sr. Virgílio Torricelli, de que o deixaria compulsar os documentos relacionados com a concorrência e contratação das obras do sistema viário. Do exame dessa documentação foi que se pôde colher os primeiros elementos para a denúncia dos contratos e a constituição de uma CPI na Câmara, a qual já deveria ter tornado público as suas conclusões.

Dias depois da tal reunião, numa seção que mantinha aos domingos no Jornal de Jundiá, o articulista que se assina "O Pensador" fazia publicar um comentário sobre o acontecimento, associando-o a outros passados na mesma

semana. "A Mesa Redonda e a Suspeição" foi o título dessa sua "Reflexão".

Não aceitando as críticas que lhe foram feitas através do referido artigo, e aproveitando o ensejo de uma desforra contra o jornal citado, que, na época, também o criticava, o prefeito contratou o advogado Eduardo Muylaert Antunes para pleitear judicialmente a interpeção do articulista. O nome deste (Ademércio Lourenção) foi declinado e a interpeção foi respondida.

Ainda insatisfeito, no dia 26 de agosto de 1974 o prefeito ingressou na Justiça com pedido de representação criminal contra o articulista, afirmando que o mesmo houvesse infringido diversos dispositivos do Código Penal e da Lei de Imprensa naquele

mesmo artigo "A Mesa Redonda e a Suspeição".

Na semana passada se tornou pública a decisão do magistrado Onofre Barreto de Moura acerca da pretendida representação criminal. A decisão está assim redigida:

"Vistos, Nesta oportunidade processual, compulsando os autos sublinhados (403/74), em que estão apensados os sob n.º 234/74, estes respeitantes à interpeção criminal e aqueles concernentes à representação criminal, puder ler as explicações constantes de fls. 22/27 e estampadas nos autos do pedido interpeção e da lavra do notificado, dr. Ademércio Lourenção.

"Com o lastro do art. 25, § 1.º, da Lei 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, assimilo-as como satisfatórias, relativamente à pessoa do interpeante, sr. Ibis Pereira Mauro da Cruz, mesmo porque contidas dentro dos parâmetros dos incisos, pertinentes, do art. 27 daquela mesma lei.

"Nestas condições, não há como se obrigar nos autos explicitados e relativamente ao requerente, comportamento típico do explicitante que, de relevância penal, lhe incursionasse a conduta na órbita da criminalidade.

"Por tais razões, resolvido que fica o pedido interpeção, prejudicada resta a presente representação criminal.

"Oportunamente, desapense-se e se enderece ao 3.º Cartório, os autos do mandado de segurança que estão apensados ao proc. de interpeção.

"Custas pelo interpeante e representante.

Câmara quer saber a todo custo

Quem assistiu à sessão ordinária da Câmara Municipal de Jundiá, na semana passada, teve nova oportunidade de constatar o pouco caso com que alguns vereadores vêm tratando questões do mais alto interesse de toda a coletividade.

A sessão corria para seu final, dentro de um período de prorrogação de quinze minutos, quando foi lido e posto em votação o requerimento n.º 1.376, de autoria do vereador Abdoral Lins de Alencar, indagando ao chefe do Executivo qual o custo, para os cofres públicos do Município, dos dois quilômetros recém-inaugurados da avenida 9 de Julho (Córrego do Mato). Seis vereadores, srs. Rolando Giarola, José Sílvio Bonassi, Antonio Tavares, Luiz Lourenço Gonçalves, Eljo Zillo, Adoniro José Moreira e Henrique Victório Franco, tiveram a ousadia de se levantar, votando contrários ao pedido de informação, como se os eleitores que os elegeram não tivessem interesse algum em saber como está sendo aplicado o dinheiro dos seus impostos.

Apesar dessa posição dos vereadores alinhados ao esquema do chefe do Executivo, a proposição de Alencar acabou sendo aprovada, pois os outros oito vereadores presentes à sessão prontificaram-se em endossá-la com seu voto favorável.

Na sequência dos trabalhos, foi aprovado, também, o requerimento n.º 1.377, do mesmo autor, que oficializa as denúncias feitas há um mês pelo Jornal de 2.ª, acerca da negociação de áreas verdes pelo próprio chefe do Executivo e seu secretário de Saúde, Higiene e Bem-Estar Social.

As indagações que são levadas ao prefeito, por meio desse requerimento:

"1. A área localizada na Vila Hortolândia, entre o rio Jundiá e a variante da via Anhanguera para a estrada Jundiá-Itatiba, prevista no Plano Diretor como Setor Recreativo-Paisagístico, teve sua setorialização alterada? Quando? Através de que diploma legal?

"2. Essa área foi objeto de desmembramento? Se positivo, através de qual processo? Quem aprovou esse desmembramento? Qual o inteiro teor de todas as peças constantes desse processo administrativo?

"3. Uma parte dessa área, ao que se sabe, foi alienada pelo sr. Ibis Pereira Mauro da Cruz e outros, para a firma Concrebrás, que ali edificou seu estabelecimento industrial. Assim, indaga-se: esta firma teve aprovação, na Municipalidade, a sua planta de edificação industrial? Se positivo, através de que processo? Quem aprovou a planta? Qual o inteiro teor de todas as peças constantes desse processo administrativo?"

WALITA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA

conserto e vendas de peças genuínas

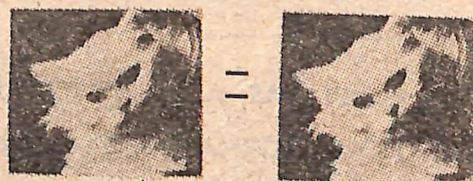


rua dr torres neves nº 131

JUNDIAI S.P.

fone: 4-0384

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário,618 - fone: 6-8460

O santo marido

ELAS trabalhavam na mesma firma, uma no sétimo outra no oitavo andar. Sandrina, que ficava embaixo, subiu para falar com Ubaldina. Entrou na sala, serviu-se de um café da garrafa térmica, sentou junto da amiga. Começou:

— Você não sabe da maior.

Dá um gole. Estala a língua. Prossegue:

— Acabo de rasgar um bilhete anônimo.

Terminando o café, coloca a xícara na ponta da mesa:

— Encontrei enfiado na minha agenda, li, rasguei e joguei fora.

Ubaldina, que também terminava um café, procura saber:

— Mas um bilhete anônimo como?

Sandrina ri:

— Pois é, minha filha, um bilhete anônimo dizendo que meu marido se encontra, pelo menos duas vezes por semana, com uma mulher.

Pegou um pedacinho de papel, fez uma bola:

— Deu todos os detalhes; de lugar, hora etc.

Atira a bola ao cesto:

— Você já imaginou um bilhete anônimo dizendo que o marido da gente nos trai?

A outra estava realmente espantada. Diz:

— Mas o que acho gozado é que você parece não estar ligando muito. Sacode as mãos:

— Quer dizer, você recebe um bilhete anônimo dizendo que teu marido se encontra com outra, e nem se importa.

Procura saber:

— Você não se importa mesmo, ou está apenas querendo mostrar que tem *fairplay*?

Sandrina se ajeita na cadeira:

— Não é isso, não quero mostrar *fairplay* nenhum.

Cruza os braços:

— O problema é o seguinte, acho que você vai entender.

Explica:

— Eu, simplesmente, não acredito que o Castor possa ter uma amante.

Interroga:

— Entende?

Ubaldina, que permanecerá calada durante alguns instantes, finalmente quebra o silêncio:

— Mas vem cá, você acha que alguém ia ter o trabalho de te escrever um bilhete anônimo, colocar dentro da tua agenda, para nada?

Olha bem nos olhos da amiga:

— Afinal de contas, essa pesosa que sabe coisas a respeito do teu marido é daqui, deve ser algum colega nosso, homem ou mulher, sei lá.

Depois de ajeitar uma mecha que caía sobre a testa, prossegue:

— E tem mais, minha filha, tem mais.

Bate na mesa:

— Por que você entende, ou não acredita, sei lá, que o Castor possa ter uma amante?

Pega um lápis, fica brincando com ele:

— Olha, pra te dizer a verdade, acho que o teu marido tem cara de sonso.

Sandrina salta:

— Mas sem essa, minha filha, que cara de sonso? Escute aqui, quem conhece melhor o meu marido, eu ou você?

Aponta com o indicador:

— Vou te contar um negócio, mas só pra você, porque és minha amiga.

Conta:

— Sabe por que eu não acredito que ele possa ter uma amante, sabe?

Não espera resposta:

— Exatamente porque ele não é um sonso, entende?

Vai em frente:

— E tem mais, muito mais.

Completa:

— Se ele fosse um sonso, um bandalho enrustido, um pochalouca, seria, antes de mais nada, um bom amante pra mim.

Segreda, a mão em concha no canto da boca:

— Sabes de uma coisa? Só o safado funciona.

Cicia, ainda mais baixo:

— Não acredito que o Castor tenha nenhuma outra mulher, porque nem a mim ele tem como devia, entendes?

Dá um murro na mesa:

— Entendes ou não, puxa vida. Queres que eu te explique melhor? Queres?

Ubaldina, com uma carregada dose de espanto, pega a garrafa térmica, serve-se de mais um café. Recomeça:

— Bom, entender eu entendo, mas vem cá.

Procura demonstrar:

— Nesse ponto é que eu acho que você está sendo burra.

Baixa a xícara:

— É lógico que o fato de ele não ligar pra ti, te perturba; do contrário você não ficaria pensando nessas coisas.

Procura ser clara:

— Pois bem: então, na minha opinião, você deveria tirar isso a pratos limpos, certo?

Sandrina interroga:

— Mas tirar a pratos limpos co-

mo? Sinceramente, não estou te mandando.

Ubaldina pega um lápis. Fala fazendo riscos numa folha de papel:

— Te escreveram um bilhete anônimo dizendo que ele tem uma amante, não foi?

Faz um pequeno círculo com a esferográfica:

— Pois bem, você lembra o citado lugar dos encontros, não lembra?

E diante do sim:

— Então você vai lá na hora marcada, arma uma confusão tremenda, e procura saber se, para a outra mulher, o teu marido é de alguma coisa.

Pára de rabiscar:

— Afinal de contas, se ele não é de nada com você, pode muito bem ser culpa tua.

Aponta para a janela:

— Vai lá, minha filha, vai ver que você tá perdendo um monte de coisas bacanas, porque ainda não resolveu apurar as verdades eternas.

Balança a cabeça:

— É a sua chance de descobrir se o Castor tem ou não segredos ocultos.

A voz de Sandrina saiu suspirada, do fundo do peito:

— Puxa vida, é mesmo.

Ubaldina não deixou por menos:

— Pois é, acho que mulher nenhuma tem o direito de acusar um homem, sem primeiro descobrir as coisas todas.

E a outra:

— Só queria ver sua cara, se você descobrir que ele é o safado, no bom sentido, que você nunca manjou.

Minutos depois, sozinha na sua mesa, Sandrina fazia mil conjecturas. Segundo o bilhete anônimo, naquele mesmo fim de tarde Castor teria um encontro com a outra, na pracinha dos fundos da Biblioteca Municipal. Depois de muito pensar, tomou a resolução definitiva: "Vou descobrir tudo. Hoje descobro tudo".

Fez questão de chegar um pouco atrasada ao lugar do encontro, para não cair em erros. Inclusive, já estava escurecendo quando se aproximou. Súbito avista, primeiro o marido. Com o coração aos saltos, vai indo. De repente, pára, como não querendo acreditar no que via: quem estava com Castor era Ubaldina. Finalmente na frente dos dois, Sandrina pergunta:

— Posso saber o que significa isso?

Ubaldina falou então, calma:

— Minha filha, você perdeu seu marido porque não soube explorá-lo.

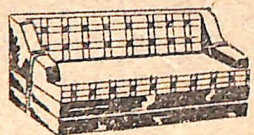
Dito isto, sapecou o maior beijo na boca do rapaz. Sandrina deu apenas um gritinho. Logo depois, desmaiou.

ANTONIO CONTENTE

TAPEÇARIA

BRASIL

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6-5977

67⁸ 75
ANOS



CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.

r. Siqueira de Moraes n 578
8 andar - conjunto 801-C

FIQUE DE BEM
COM SUA CIDADE.
FAÇA UMA ASSINATURA
DO JORNAL DE 2.a

Telefone: 4-2759

Melancol'água

Já entramos na primavera. E dessa vez sem distribuição de flores. Há exatamente um ano fazia-se em Jundiá a experiência de transformar a Barão em rua de pedestres e ali se fazia farta distribuição de flores. Na mesma época, um jornal da Capital noticiava com destaque: "Está acabando a água em Jundiá". Terá mudado a situação ou o abastecimento do precioso líquido permanece em perspectiva

A NECESSIDADE ATUAL

Um manancial que permite a retirada de 1 (um) metro cúbico (1.000 litros por segundo) de água, dá para abastecer uma população da ordem de 300.000 habitantes. O Rio Jundiá-Mirim, em períodos de seca, chega ao mínimo de 200 litros por segundo. O reforço do Rio Atibaia parece estar funcionando provisoriamente, mas em condições normais deverá trazer pelo menos 500 litros por segundo. Como se vê, o volume de água de que dispomos mal dá para a população atual, que está perto dos 200.000 habitantes.

Em cinco anos a nossa cidade deverá estar chegando aos 300.000 habitantes e, portanto, dependeremos de mais água do que dispomos.

Os estudos de uma barragem maior no Rio Jundiá-Mirim mostraram que a regularização resultante aumentará o recurso do manancial em mais 1 (um) metro cúbico. Acontece que essa obra exigirá no mínimo 10 anos entre estudos, projetos, desapropriações e construção, prazo excessivo se confrontarmos com a velocidade do crescimento populacional e suas necessidades resultantes.

O FUTURO EXIGE DO PRESENTE

Como se vê, em poucos anos estaremos em crise no abastecimento de água.

Não se pode conceber que em todo um período da administração municipal se tenha gasto apenas para completar uma obra de reversão do Rio Atibaia, sabendo-se que a exigência em breve será bem maior.

Desde que se resolveu pela realização desse reforço, nada mais se fez a respeito da necessária reserva e regularização do Rio Jundiá-Mirim. E isto não pode se limitar a uma pequena represa junto à captação existente.

Há já quase 5 anos os estudos da barragem foram deixados de lado. Numa época em que todos os mananciais deveriam estar sendo estudados para aproveitamento (Jundiá-Mirim, Rio Jundiá e até mesmo o Rio Capivari).

A cidade irá lamentar — e muito — a perda desse precioso tempo.

ENCONTRO HISTÓRICO, IMPORTANTE PARA A NOSSA TERRA

O dr. Nicolino de Lucca não conseguiu eleger-se prefeito em 1963, apesar de apoiado pelo então governador Aedmar de Barros. Tão jundiáense como inteligente (muito que era), e acima de tudo um político de primeira grandeza, o dr. Nicolino ofereceu ao prefeito eleito, prof. Pedro Fávoro, o seu fácil relacionamento com o governador. A fusão política deu-se em agradável ambiente de um sítio na Terra Nova, envolvido pela hospitalidade de seu dono, sr. Alberto Galeto (a quem Jundiá muito deve). A 10 de setembro de 1964, em audiência com o governador, Nicolino e Fávoro conseguiram

muitas obras do Estado em nosso Município. Entre outros cabem citar: Escola Industrial, Conde de Parnaíba (parte nova), Delegacia e Cadeia (ampliação), Palácio da Justiça, e o novo Sistema de Água da cidade. Desse último é que passamos a falar.

Sem poder precisar quando se iniciou, o D. O. S. (órgão estadual incumbido de saneamento) parece ter sido o responsável pela nossa primeira providência de planejamento em abastecimento de água. Antes de qualquer iniciativa ou projeto a cidade deveria ter seu levantamento aerofotogramétrico. E isso foi feito em 1958, pela Cruzzeiro do Sul, que apresentou um trabalho muito bom.

Passados alguns anos, em 1960/61, o Eng. Jair Bernardi, aqui estagiando, estruturou a Diretoria de Águas e Esgotos, tornando-a independente da DOSP, passo impor-

tante para propiciar as medidas que se faziam necessárias.

Para cumprir as determinações do D. O. S., em 1962 foi contratado o prof. Martins, o qual incumbiu-se da elaboração de um projeto amplo, abordando desde a captação até a distribuição. Ao que fomos informados, uma das medidas para a ampliação do manancial sugeridas pelo prof. Martins, foi a reversão do Rio Atibaia, despejando 0,5 m³ de água no vale do Rio Jundiá-Mirim.

OS RESULTADOS DA FUSÃO POLÍTICA

Com o plano de água preparado ao longo dos anos, o Encontro Político que levou à audiência com o governador a 10/09/64, teve condições de sucesso. A Prefeitura começou a atuar, fazendo obras para o que recebeu colabora-

ção do DOS e da Caixa Econômica Estadual. Ativado pelo então diretor de Águas e Esgotos de Jundiá, eng. José Pedro Rosell Baldris, o projeto do prof. Martins começou a ser posto em prática, e teve continuidade com o diretor que se seguiu, eng. Luiz Henrique Horta de Macedo. Em resumo, o plano previa: nova captação no Rio Jundiá-Mirim (construída em 1966/67); construção da adutora para o alto do Anhangabaú (1.ª fase feita em 1967); Estação de Tratamento de Água (construída em 1967/68); remanejamento da rede de distribuição (1.º grande anel feito em 1968).

A REVERSÃO DO ATIBAIA E AS BARRAGENS

Sabendo o município da insuficiência do Rio Jundiá-Mi-

rim, coube ao prefeito Fávoro a oficialização do pedido ao DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica) de autorização para retirar água do Rio Atibaia.

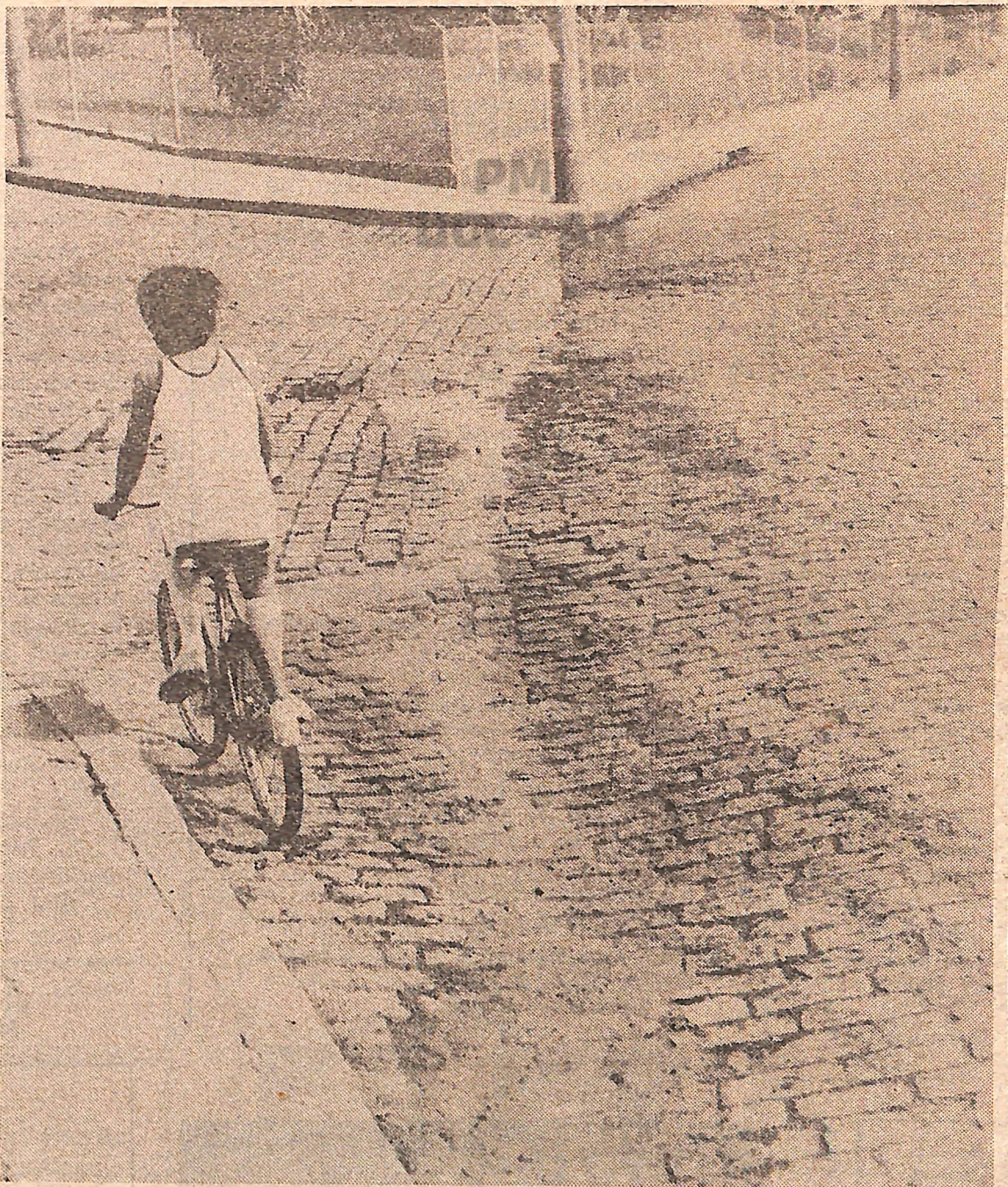
A resposta imediata foi negativa. Entendia aquele Departamento que com a regularização do Jundiá-Mirim o município obterá 1 metro cúbico por segundo, pretendido do Atibaia.

Começaram então os estudos para a construção da barragem no Jundiá-Mirim. Logo de início percebeu-se a insuficiência de um represamento pequeno junto à captação (vide n.º 1 no mapa). Estudos realizados sobre plantas aerofotogramétricas do vale do Rio Jundiá-Mirim, que contaram com a participação do eng. Ruy Luiz Chaves, definiram como necessário o represamento a montante da FEPASA. Este represamento permitirá a regularização do Jundiá-Mirim e armazenamento de bom volume, assegurando o aumento de um metro cúbico de água no nosso abastecimento. A represa se estenderá da Estação do Horto ao bairro do Caxambu (vide 2 no mapa).

A grande seca dos anos 68/69 forçaram o recém-empossado prefeito Walmor Barbosa Martins a nova solicitação da água do Rio Atibaia. A essa altura o DAEE (Departamento de Águas e Esgotos) era uma nova autarquia, cuja implantação estava a cargo do economista Walter Padilha Leão. O Estado, por sua vez, já dispunha de novos estudos do aproveitamento dos recursos hídricos da bacia do Rio Jundiá. Não só uma grande represa no Jundiá-Mirim era necessária (2 no mapa), mas também uma outra e maior no Rio Jundiá em Campo Limpo (3 no mapa).

A necessidade de água estava a exigir obra de emergência. Diante da sugestão dos técnicos de Jundiá, de reversão do Rio Jundiá (antes de Campo Limpo) para o Rio Jundiá-Mirim (no vale da Figueira Branca), o Estado resolveu conceder a água do Rio Atibaia, cujo volume permitia o deslocamento de um metro cúbico. Essa obra quase toda feita na administração passada, apenas foi concluída na presente.

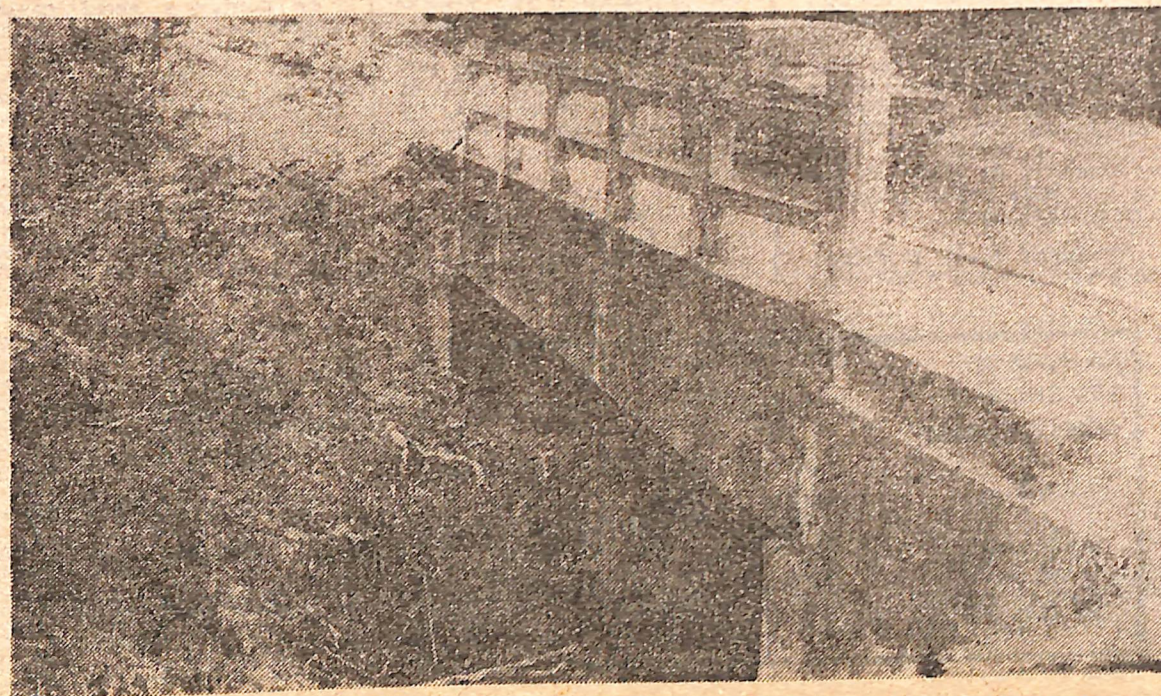
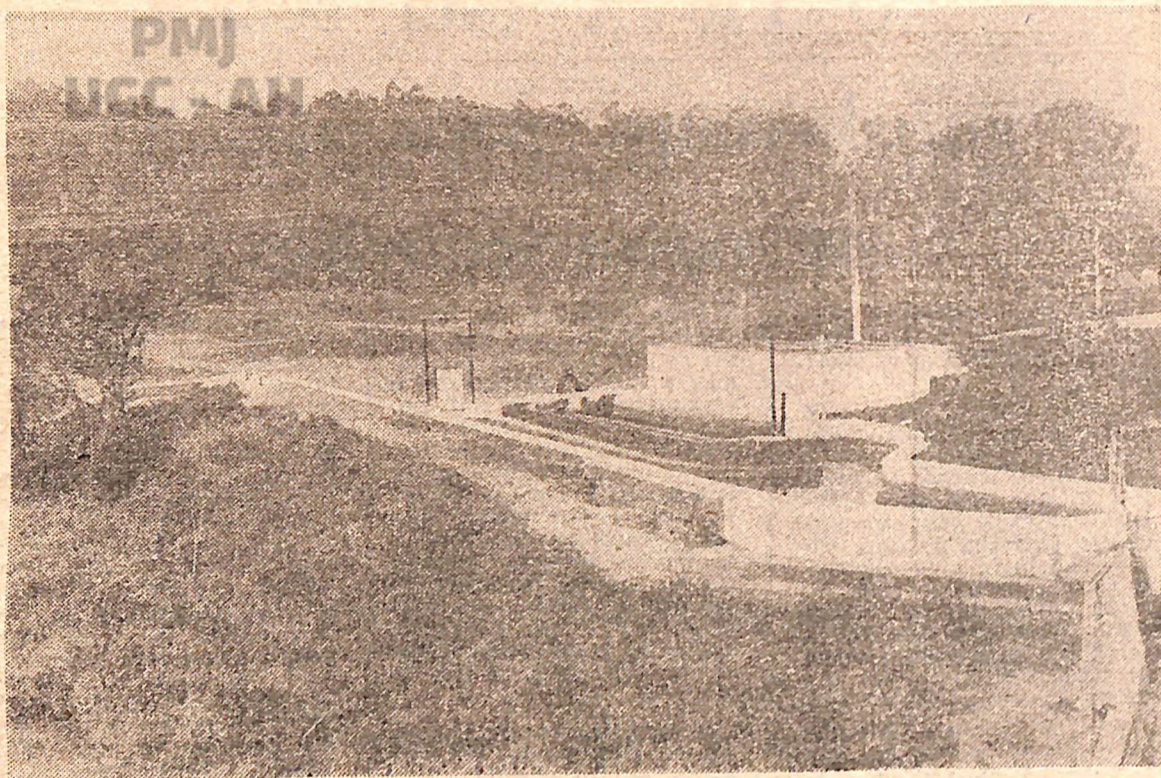
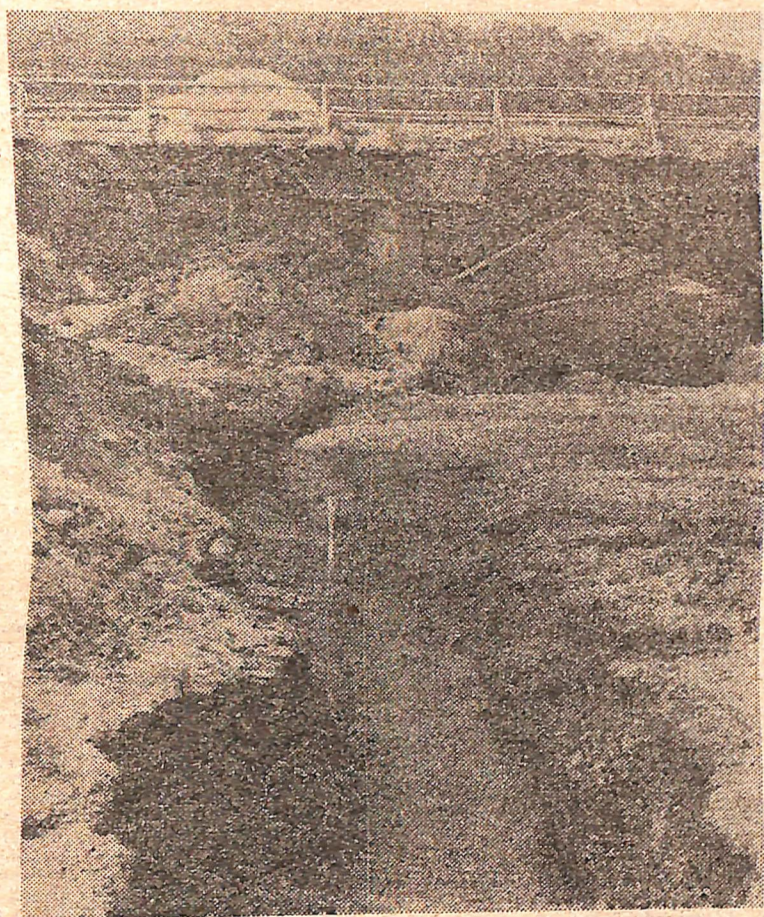
Deixou-se de lado, temporariamente, o projeto do grande represamento do Rio Jundiá-Mirim (2 no mapa). Além de construção demorada foi entendida como obra cara e, portanto, de difícil solvência para o município de Jundiá. Na época 1970/71 (UPC = 50) foi orçada em Cr\$ 40 milhões, vale dizer que em preços atuais (UPC = 120) seu custo seria da ordem de Cr\$ 100 milhões. Mal se sabia que em pouco tempo estaríamos gastando muito mais com o sistema viário, comprometendo os recursos futuros do município e tornando menos viável a indispensável barragem do Rio Jundiá-Mirim.



A água está sendo um serviço caro em Jundiá. A população paga não só pelo que consome, como também pelo que não consome, pois o Dae, com toda a sua estrutura, não consegue interromper os desperdícios que são comprovados diariamente pela população, conforme mostra esta foto, tirada na rua do Retiro (frente da Elbena).



Jundiaí, Várzea Paulista e Campo Limpo Paulista formam um complexo urbano contínuo. Formam uma região com poucos recursos hídricos para o abastecimento de sua população em crescimento. Em 10 anos a região poderá estar dependendo das barragens 2 e 3 (mostradas no mapa), obras essas de fôlego, que deveriam estar sendo tratadas seriamente pelos governantes das três cidades.



A atual captação do rio Jundiá-Mirim (foto de cima, à direita) com sua ampliação para pequena represa (ponto 1 no mapa) poderá melhorar o serviço de bombeamento mas não fará a regularização de que Jundiaí necessita. Esta depende da barragem de represamento (ponto 2 no mapa).

Depois da captação, na altura da estrada velha de Campinas (foto acima), parte da água do rio Atibaia escapa sem ser captada. É uma água cara, bombeada do Atibaia, que está sendo transferida de um para outro rio. Sem a barragem de regularização as águas das chuvas também se perderão por esse vale.

Acima da captação, na altura da estrada de Itatiba (foto ao lado), vê-se que o Jundiá-Mirim, apesar do reforço que recebe do Atibaia, continua sendo um pequeno córrego, insuficiente para atender as necessidades de um município como Jundiaí.

Nicette Bruno: um espetáculo dentro e fora do palco

O teatro, de um modo geral, sempre retrata o mundo em que vivemos. Então, quando existe crises, movimentos de uma dada espécie, ele automaticamente acompanha isso.

No Brasil, o teatro já teve épocas gloriosas. Da mesma forma, enfrentou um longo período de crise, ficando praticamente marginalizado. Só agora ele está retomando a sua posição, com uma força muito grande de interesse dos que o realizam e do público que dele tira inúmeras lições. Esse apoio está fazendo com que ele tenha esperança de, daqui para frente, consolidar a posição conquistada. Para isto é preciso apenas uma maior conscientização de quem faz teatro, de quem assiste teatro e, principalmente, dos órgãos incumbidos de promovê-lo e incentivá-lo. E tudo parece que já começou a acontecer, porque gente de teatro está começando a tomar posições, está ocupando cargos realmente diretos e importantes para dar verdadeiro apoio ao teatro brasileiro.

Estas são algumas das considerações de Nicette Bruno, feitas durante entrevista que concedeu com exclusividade ao *Jornal de 2.a* na noite de última terça-feira, dia 24, ao

final do seu trabalho na peça "Os Efeitos do Raio Gama nas Margaridas do Campo", que levou mais de 1.000 pessoas ao Cine Alvorada, das quais cerca de 250 tiveram que voltar para casa sem ver o espetáculo porque encontraram a casa superlotada.

A peça foi trazida a Jundiá com o patrocínio do Conselho Estadual de Cultura, graças a um trabalho da educadora Maria de Lourdes Torres Potenza e seus colegas Roberto Taídi Ferracini, Ilde Ferracini, Mcacir Vaz de Camões, Hilda M. A. Paschoalotto e Maria Luiza Orenge, todos componentes da Barraca Paraguaia da VII Feira da Amizade. Os ingressos, que em São Paulo são cobrados a base de Cr\$ 40,00 por cabeça, aqui foram vendidos a preços populares (Cr\$ 15,00), pois a intenção dos promotores não foi apenas mostrar o trabalho de Nicette Bruno (Prêmio Molière de 1974, como melhor atriz), mas também difundir mais o teatro nesta cidade.

Além de Nicette Bruno, "Os Efeitos do Raio Gama" conta no seu elenco com outras atrizes já bastante conhecidas, como Beth Goufart (Thile), Marina Athie (Ruth), F'ordéa Bruno (Nany) e Patrícia Figueiredo (Jans),

com direção de Antônio Abujarra.

O desempenho de Nicette, como Beatriz (Beth Biruta), personagem central da peça, é simplesmente magistral. Fala alto porque ela foi escolhida para o Prêmio Molière. Diz muito da sua performance no 28.º ano de carreira no teatro.

Depois dos aplausos (merecidamente demorados), Nicette se viu cercada por um grupo de jovens do Teatro Estudantil Rosa e outros que fazem teatro amador na cidade, com os quais travou um bate-papo bastante informal, informando e informando-se sobre o movimento teatral nesta época. Falando de sua vivência no teatro, contou como é o seu trabalho ao lado de sua filha e de uma tia e das outras duas atrizes que também tem laços de parentesco com sua família. Beth, a filha, confirmou: "Trabalhar ao lado de mamãe é uma lição diária!"

Segundo Nicette Bruno, o personagem que ela representa "exige muito, do começo ao fim do espetáculo".

"Se não tivérmos, todos que atuamos nele, um processo de elaboração emotiva, realmente não passa, não transmite. Então, ele exige isso, um trabalho que exauria

um pouco a gente quando termina o espetáculo.

"Eu, por exemplo, estou um pouco "lá embaixo"; é uma fossa muito grande, uma elaboração de um sentimento de ódio muito negativo. A mim isto faz muito mal. Agora, evidentemente, estou superando isso; mas no começo me angustiou muito porque tive que buscar e procurar emoções que nunca tinha sentido em minha vida."

Tendo que "assumir" o papel de uma mãe recalcada, biruta no duro, uma megera que maltrata as filhas, Nicette não pôde "curtir" muito a estréia de sua filha (na vida real) nessa peça. Teve que elaborar um "processo de distanciamento", pois, caso se ligasse à filha, mesmo que fosse para incentivar ou só observar, perderia a realidade do seu personagem. Assim, na hora de mostrar todo o seu ódio, toda a sua raiva, tinha que ver em Beth tão somente Thile, filha de Beatriz na peça. E a própria Beth ajudou nisso, conscientizando-se de que tinham realmente que se ver (na peça) apenas como duas atrizes, cada qual no seu papel.

"Depois que a coisa já estava mais solidificada é que eu pude curtir a estréia dela, pois nós tivemos que mudar quatro atrizes no papel

de Ruth e tivemos que ensaiar de novo, dando-me chance, assim, de observar a interpretação dela".

Mas o seu próprio papel, como Beatriz, Nicette diz que foi um dos mais sérios desafios de sua carreira, "um desafio que estimula o trabalho, um trabalho que adorei muito fazer". "Por tudo isso, pelo desafio em si, pela vontade que tive e pelo resultado obtido, adorei mesmo ser Beatriz nesta peça".

No final de sua entrevista, Nicette deixou gravada a seguinte mensagem aos jovens que hoje estão procurando fazer teatro:

"A principal coisa que um ator precisa ter é uma consciência da profissão que escolheu. Se ele realmente decide fazer teatro por vocação e por opção de vida, ele deve partir com um sentido de humildade muito grande, para que ele possa realmente pesquisar tudo que ao redor dele acontece. E é com essa humildade que ele vai conseguir tudo. Persistência, consciência de que o sucesso e o fracasso são contingências da profissão, isso é o que o ator precisa ter, além de um tipo de equilíbrio emocional para suportar as duas coisas. Somente assim é que ele conseguirá sobreviver na carreira".

O Pio X está sem guarda-roupa para atender os novos convites

"Queremos mesmo é formar um grande coral e uma grande orquestra para Jundiá."

Quem afirma isso, com convicção e bastante entusiasmo, é o maestro Mário Comandulli, regente do Coral Pio X, que atualmente prepara seu grupo para uma nova apresentação no Cine Vila Arens, onde o guarda-roupa a ser usado será todo de estilo holandês do século XVII. Para esta exibição, o coral está esperando a vinda de Italo Moreli, que se encarrará das gravações.

Mas o maestro-fundador da Sociedade de Música Pio X, hoje com um pequeno teatro, construído no Jardim São Bento, diz que a entidade precisa de maiores recursos, para levar adiante seus planos no campo da formação musical, pois a contribuição que recebe dos seus 250 associados é insuficiente e a colaboração do Poder Público tem sido muito pequena, nos últimos anos.

"Pedimos ajuda à Prefeitura várias vezes e não nego

que em algumas delas fomos atendidos", diz ele. "Na gestão de Pedro Fávero, recebemos a metade do terreno e uma verba de Cr\$ 20 mil, que empregamos na compra de mais terreno para a construção da nossa sede, pois aquele que possuíamos era pequeno para o que pensávamos fazer. No governo do prefeito Walmor Barbosa Martins, fomos ajudados bastante: recebemos, na época, uma verba de Cr\$ 65 mil. Agora, na gestão do atual prefeito, tivemos uma ajuda de Cr\$ 10 mil."

A orquestra Pio X possui, por enquanto, apenas um violinista, um violoncelista, um contrabaixista e um pianista. Esse quarteto tem ensaiado e feito algumas apresentações separadamente do restante do grupo, que continua a receber preparo para, futuramente, integrar a grande orquestra sonhada pelo maestro.

O Coral Pio X surgiu em março de 1965, portanto, há mais de dez anos, sucedendo ao antigo coral da igreja de

Vila Arens. Sua presença tem sido constante nos principais acontecimentos cívicos e culturais de Jundiá e já foi, também, convidado para numerosas apresentações fora da cidade, fazendo, inclusive, uma excursão ao Sul do País. Recentemente, foi mostrado pela TV Cultura e isto propiciou-lhe numerosos convites para se apresentar em outros Estados. A aceitação desses convites está na dependência de uma retaguarda financeira, porque o coral se apresenta sempre com a indumentária adequada e no momento não dispõe de recursos para aviar o novo guarda-roupa.

O conjunto vocal conta, atualmente, com cerca de oitenta figurantes, número que deverá ser ampliado, futuramente, com a criação de um curso de balé. Esta meta, porém, para ser alcançada, está na dependência do aparecimento de um número relativamente grande de interessados, "porque um bom professor não virá a Jundiá por uma meia dúzia de alunos", segundo o maestro.

Jacobo: "Não há porque reclamar de Jundiá no aspecto cultural"



Jacobo... Não há porque reclamar de Jundiá no aspecto cultural. Só a amizade, porém, não seria motivo suficiente para trazê-lo às páginas do *Jornal de 2.a*

Um motivo melhor: foi editor de "7 dias na TV" e "marchant" de Odriozzola, um artista muito conceituado em artes plásticas.

Motivo melhor ainda: o Inos Corradini acredita-o conhecedor, como poucos, de artes brasileiras a partir de 1953, ano em que chegou no Brasil, vindo de Santiago de Compostela, na Galícia, Espanha, uma espécie de Aparecida do Norte espanhola. Trouxe consigo seus fantasmas e é um prazer enorme ouvi-lo contar suas estórias, mas isto fica para uma outra vez.

O motivo iminente desta reportagem é sua declaração ao Beto Cechi, de que Jundiá é uma cidade privilegiada culturalmente falando. Tentel entrevistá-lo neste sentido, mas a coisa ficou tão formal que não consegui embarcá-lo. Disse não saber quem é, e, fugindo a conceituações, li-

mitou-se a afirmar, como credencial de sua opinião, o seguinte:

"O fato de eu achar Jundiá privilegiada no setor cultural, talvez se deva aos meus poucos relacionamentos, todos com pessoas envolvidas neste campo. A primeira vez que saí em Jundiá foi para ir à I Mostra da Cua, onde estava sendo exposta uma coleção do crítico Henri Laus. Lá, fui apresentado ao Inos e descobrimos que já nos conhecíamos há muito tempo, desde um jantar no apartamento de Maria Shendel, junto com Odriozzola, do qual tive uma galeria quase que exclusivamente com obras dele."

Dai conheci os amigos de Inos, todos bastante envolvidos em atividades culturais. Logo em seguida houve um salão patrocinado pela Associação de Artistas Plásticos de Jundiá. Pouco tempo depois, o IV EJA. Quase toda noite vou ao Kibe Kadi onde converso com o Wolf, Celso e outros participantes deste jornal. Outras pessoas com as quais convivo, são: Beto Cechi, Mariazinha Congiglio, Du, Nidia, João Borlin, Jussara e Athos, Mano, enfim, gente com um bom nível em arte. Sei de muitos estudantes de arquitetura, fora os já formados. Viajando para São Paulo, encontro muitos estudantes de Comunicação, Jornalismo e Escola de Arte. Vejo grupos formando escolas de samba. Conheci uma galeria permanente, a recém-inaugurada Nordval. Fala-se na criação de um Cine-Clube.

"Diante disso, não vejo porque causar espanto minha impressão de cidade culturalmente privilegiada para Jundiá. Todas essas atividades são muito difíceis de serem encontradas no Interior de São Paulo. Enfim, ainda que por meus relacionamentos, minha opinião continua a mesma: não há o que reclamar quanto a atividades culturais em Jundiá."

PICOCO

NA HORA DE SEU ENCONTRO COM OS AMIGOS, ... LEMBRE-SE: **KIBE KADI**

PRATOS ARABES • PIZZAS • KIBES
ROSÁRIO, 239 • fone: 4.2669
ABERTO ATÉ AS 4HS. DA MANHÃ

FAÇA UMA BOA AÇÃO PELA SUA CIDADE, ASSINANDO O "JORNAL DE 2.a" TELEFONE: 4-2759

Sergio Bocchino parte pra outra



Uma pele de vison jogada nos ombros e caindo apenas de modo a cobrir as partes pudicas. Chicote numa das mãos, na outra uma cadeira, ao estilo de domadora de feras. Um olhar altivo e superior para a câmara. Seria essa a foto de página com que Sérgio Bocchino pretendia ilustrar, pela última vez, sua coluna social no "Jornal da Cidade".

Por motivos que achou melhor não mencionar, a coluna foi cancelada, transformando a despedida irônica num simples e oficial desligamento.

Sérgio Bocchino vai fazer colunismo na Capital, faltando apenas decidiu-se por uma das três propostas que recebeu.

Antes de partir, concedeu esta entrevista para o **Jornal de 2.a**; definindo colunismo social, falando das suas vantagens econômicas e, de certa forma, deixando indicado o seu sucessor-potencial. Com vocês, o "astro" Sérgio Bocchino.

J. 2.a — Sérgio, o jornalismo para você foi um acaso?

Sérgio — Um mero acaso. Quando eu fui convidado para fazer colunismo social, aqui dentro de Jundiaí, não tinha pretensão alguma na imprensa. Eu aceitei o convite e o negócio tomou impulso graças a Deus, e até há pouco tempo tudo estava muito bem. Quero dizer, sempre foi bem, e continua, graças a Deus.

J. 2.a — Quer dizer que seu objetivo inicial não era o jornalismo?

Sérgio — Não, quando eu fiz Comunicação Social eu me formei em Relações Públicas e agora eu estou fazendo o último mês de jornalismo especializado dentro da Alcântara Machado.

J. 2.a — Jornalismo social dá dinheiro, Sérgio?

Sérgio — Depende da região. Aqui, em Jundiaí, não, nunca deu e nunca vai dar; São Paulo deu e sempre vai dar. Aliás, não é só o colunista que é mal remunerado em Jundiaí; a equipe toda é mal remunerada.

J. 2.a — E lá dá porque o salário é bom ou porque se fatura muito por fora para cascatear gente, para badalar gente no jornal?

Sérgio — Por fora dá muito mais do que dentro. A vaidade humana é incrível, entende? Todo mundo é tão vaidoso, que faz tudo para aparecer. Então a pessoa ganha por causa dessa vaidade toda; não dentro do jornal.

J. 2.a — E como é que seria a forma de pagamento dessas pessoas para aparecer?

Sérgio — Em dinheiro... em dinheiro... em pequenas propriedades, pequenas kitnets...

J. 2.a — Oportunidades de negócios...?

Sérgio — Tudo isso. Entra tudo isso: negócios, propriedades, propaganda, dinheiro... Para você tomar um sorvotinho, por exemplo, você às vezes ganha dez vezes mais do que no jornal. Entende?

J. 2.a — Para qual jornal de São Paulo você está indo agora?

Sérgio — Eu recebi três convites, mas eu não me decidi ainda porque tirei um mês de prazo para descansar. As ofertas são muito boas, de três amigos meus, mas como eles são concorrentes, eu pre-

firo não dizer agora para qual é que eu vou.

J. 2.a — Mas você escreve para um jornal de São Paulo, não é?

Sérgio — Já! Eu sou colaborador de vários jornais em São Paulo. Sou amicíssimo de Baby Garroux, dos "Diários Associados", mando notícias pra ela; sou colaborador do Geraldo Bernardes, tenho uma coluninha no Notícias Populares... Isso sem contar outros jornais e colaborações mínimas que a gente pode dar.

J. 2.a — Hoje existe um mundo de gente estudando Comunicação, Comunicação Social também, e muita gente está na dúvida se faz jornal ou se faz publicidade. Como no segundo ano eles têm que optar, você recomendaria o colunismo social aos alunos de Comunicações ou acha que eles precisam ter um dote muito especial?

Sérgio — Depende do círculo de amizades dele. Eu recomendo o colunismo, o jornalismo em si, em particular o colunismo social, depende do círculo de amizades e do ambiente.

J. 2.a — Um dos papas do colunismo social brasileiro, Ibraim Sued, se vangloria de ter sido um "pé-rapado", um "pênetra" do jornalismo. O que você diz disso?

Sérgio — É que ele pegou o início do colunismo social no Brasil. Atualmente eles não estão mais se baseando no começo, eles estão se baseando nos atuais colunistas, que tem que ser formados, tem que ter diplomas, entende? Então eles não estão mais aceitando esse tipo de colunista, que seria o Ibraim Sued, que eu admiro muito...

J. 2.a — Uma outra coisa: parece que não está mudando só a origem dos colunistas sociais, que hoje tem que ser um profissional, formado, reconhecido, diplomado, mas o próprio foco das notícias. O Ibraim Sued, citando como exemplo, foi um cara que badalou o "society", criou mil termos, e hoje em dia, se você pegar a coluna dele, vê que 80% das notícias dele falam de política e de negócios. Você acha que a nota política pode estar faturando mais do que a social?

Sérgio — No caso dele, eu acho que se ele badala mais a política é porque a política, pra ele, está rendendo mais do que o "society", porque ele já extraiu muito da sociedade. Quer dizer que ele agora está partindo para uma outra.

J. 2.a — Você afirmou, logo no início deste bate-papo, que a mola que move a coluna social, o cara que quer ser colunizado, que quer ser comentado, é a vaidade. Será que as altas autoridades políticas que o Ibraim menciona têm essa mesma vaidade?

Sérgio — Muito mais, tem muito mais do que a alta sociedade, porque o político tem que ter uma certa vaidade, para se projetar: se ele não tiver uma vaidade, uma forte vontade de aparecer, ele não poderá ser um grande político.

J. 2.a — No começo, logo que você entrou no colunismo, nas suas primeiras colunas, vamos assim dizer, houve uma porção de comentários, uma reação violenta ao seu modo de escrever. Como você viu tudo isso?

Sérgio — Achei gozadíssimo, porque eu tinha feito o negócio sem intenção nenhuma. Pessoalmente, não vi nada demais, entende? Mas, quanto aos outros que estavam falando, achei simplesmente gozado.

J. 2.a — Seu colunismo, no começo, sem ser uma imitação do Giba Um, parecia bem mais informal do que esse que você passou a fazer, de alguns meses para cá. O que motivou essa mudança?

Sérgio — Questão de meio-ambiente. No começo, estava mais informal porque eu estava sem compromisso nenhum, estava assim como free-lancer, entende? Depois a coisa assumiu um caráter um pouco mais sério... Então, eu me responsabilizei.

J. 2.a — Segundo as pesquisas, a coluna social é muitíssimo lida por um público classificado nas classes B2 e C, um público que então não frequenta a coluna social. A que você atribuiria esse sucesso da coluna social junto ao público que não a frequenta?

Sérgio — É uma espécie de masoquismo. Todo mundo que não aparece, gosta de ver. Ele sofre, mas adora ver o outro aparecer. É uma espécie de projeção, onde ele se torna uma figura participante da coluna. Por exemplo: se ele lê muito a coluna do Ibraim Sued, parece que dela está participando, parece que ele está vivendo e o Ibraim está escrevendo sobre

ele. Quando uma pessoa não pode participar, às vezes ela se autoprojeta. Há, então, um pouco de autoprojeção e também um pouco de masoquismo.

J. 2.a — Então, seguindo esse seu raciocínio, o pessoal que sai na coluna social deve gostar de ler "Notícias Populares", seção criminal, notícias fúnebres...

Sérgio — Eles lêem, sim, e tenho prova disso. Em quantas mansões a gente vê "Notícias Populares" escondidinho num canto, dobradinho!

J. 2.a — Você acha, então, que contribui para a alienação desses leitores de classes B e C?

Sérgio — Não me preocupo com isso. Acho que simplesmente exerce a minha profissão de jornalista. Agora, se eles ficam alienados, dêis ou qualquer coisa, o problema é deles, não meu.

J. 2.a — Você acha que um dia pode haver um colunismo social de favela, como o que o Percival de Souza, em tom irônico, vem fazendo no Ex?

Sérgio — Eu respeito; acho que, se há um colunismo de alta sociedade, pode haver um de classe C.

J. 2.a — Como é que você fazia a sua coluna, se não estava em Rotary, em Tênis, em clube nenhum?

Sérgio — Eu tinha ótimas informantes, senhoras que todo dia estavam a par de tudo, senhoras muito bem situadas, que frequentavam e, para dizer a verdade, que não gostavam de aparecer, mas estavam a par de tudo, gostavam de saber de tudo e me informavam diariamente.

J. 2.a — Se você tivesse que indicar um sucessor de Sérgio Bocchino, quem indicaria?

Sérgio — Indicaria o Picoço; ele daria um ótimo colunista.

J. 2.a — Qual a avaliação que você faz da sua experiência no "Jornal da Cidade"? Qual a imagem que você leva daqui, nessa sua ida para São Paulo?

Sérgio — Achei uma experiência muito boa; achei ótimo, sensacional e que me valeu simplesmente ser conhecido em São Paulo, ser aceito e ser convidado.

Quem virá depois dele?

Quando concluiu seu curso de Comunicação Social, em São Paulo, e voltou para Jundiaí, Sérgio Bocchino não tinha ainda nenhum plano feito com relação ao futuro. O diploma só lhe abria oportunidade no setor de relações públicas. Foi nessa época que surgiu sua chance de fazer colunismo social, ponto em que a imprensa local sempre procurou se apoiar para atingir seus fins econômicos, mas que, de há muito, vinha reclamando o concurso de alguém realmente capaz de aproximá-la da classe mais abastada.

Na sua estréia como colunista, pela forma toda pessoal que dava à coluna, pelas expressões francas que empregava na redação de muitas notas, pelo desbunde que caracteriza outras, Sérgio Bocchino ganhou uma enorme legião de críticos, não faltando leitores que consideravam tudo aquilo um escândalo, uma afronta, um acinte à moral de família, enfim, um tipo de jornalismo que comprometia seriamente o futuro do órgão de imprensa que lhe vinha dando guarda.

Ao mesmo tempo que estes comentários se alastravam, evidenciando que nunca houvera antes coluna mais lida, perrebia-se, na alta roda, o esforço incomum de inúmeras pessoas para se fazerem notadas, anotadas e fotografadas pelo colunista.

Numa recente entrevista ao **Jornal de 2.a**, Sérgio Bocchino dizia que para alguém sair em sua coluna era só frequentar a sociedade de São Paulo. É para essa sociedade que ele está escrevendo há cerca de dois meses, numa pequena coluna do jornal **Notícias Populares**, e para a qual vai escrever ainda através de um outro jornal do grupo **Folhas**, motivando isto a sua saída do **Jornal da Cidade**.



SERVIÇOS DE TERRAPLENAGEM

TRANSPORTE DE ASFALTO

REGULARIZAÇÃO DE AREAS

ESCAVAÇÕES E ATERROS



J. MENEZES LTDA

ESCRITORIO

AV. SÃO PAULO 311 - SALA 3 - FONE 6 5252 - CX POSTAL 1192



Paulista F.C.

50 anos de glórias (2.a Parte)

A eleição da diretoria — Muito pouco sabemos das atividades esportivas do Paulista, no ano de 1914, a não ser que a assembléa geral do clube, reunida a 22 de dezembro, elegeu e empossou, nessa mesma ocasião, a nova diretoria para reger os destinos da sociedade em 1915. Foram eleitos e empossados: presidente, Tibúrcio Estevan de Siqueira; vice-presidente, João Bravo; 1.º secretário, Carlos Cordtz; 2.º secretário, Guilherme Aranha; tesoureiro, José Mantilla.

"A Folha" e a Companhia Paulista — Na sexta-feira, 1.º de janeiro de 1915, numa das dependências da redação do jornal "A Folha", a novel diretoria do Paulista realizava sua primeira reunião. Esse jornal, já naquele tempo, prestava inestimáveis serviços ao futebol local, pois deparamos, em outras atas do clube, com referências de que as reuniões da diretoria eram todas ali realizadas.

Um dos primeiros atos da diretoria recém-empossada foi o de comunicar aos altos mentores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro a eleição e posse de seus membros. Nesse sentido, o primeiro secretário, Carlos Cordtz, enviou ofícios aos srs. Alberto Moreira, engenheiro-chefe da linha; Francisco Paes Leme de Monlevade, inspetor-geral; Alfredo Williams, chefe da locomoção; e major Gustavo Storch, chefe das oficinas.

Nota-se, nesse gesto, a estreita colaboração entre o clube e a Companhia Paulista. Em diversas atas encontramos cópias de cartas e ofícios para aquela empresa ferroviária, ora solicitando passes livres, ora outros favores, que sempre foram atendidos. A Companhia Paulista e "A Folha" participam assim, da vida do clube, como dois fatores benéficos.

Campeonato Interno — O Paulista possuía, aproximadamente, 100 sócios, na sua maioria jogadores, eis que a maior atividade da sociedade era a realização de um Campeonato Interno. Anualmente formavam-se seis ou sete equipes, que recebiam nomes das cores das camisas com as quais jogavam. Cada conjunto tinha o seu "capitão" que vinha a ser, praticamente, o responsável pela disciplina, pela técnica e também pela parte financeira, pois quando o jogador se atrasava no pagamento da mensalidade, a diretoria chamava a atenção do "capitão" do quadro do jogador faltoso.

Em 1915 foram formados seis quadros para o Campeonato Interno. Eles estavam assim constituídos: **Quadro Roxo** — Augusto Bueno, Guilherme Aranha, Jorge Normanthon, Benedito Bueno,



Um dos quadros do Paulista F. C. antes da década de 20. Aparecem, entre outros jogadores, Arquimedes Correa (Nhô Nhô Batatinha), Carlos Cordts, Jacó, Tatu, Dino Siqueira, Vergilio Brucci, Américo Bertolini (jogou depois no Palestra Itália), Aristeu, Siqueira (pai do Zuza) e Augusto Bueno.

Domingos Theoto, José Vitorino Ferreira, Carlos Orsi, Leoneto Carletti, Emilio De Nardi, Jaime Olivato, Luiz Guimarães, Jordão Bragança, Haroldo Hoeder e Alfredo Rodrigues; **Quadro Branco** — José Camilo, Tancredo Siqueira, Antonio Giovanni, João Muller, João Gandia, José Braga, Alfredo Lopes, Segismundo de Melo, Emídio Pires, Joaquim Antunes, José Carturam, Rogério Rodrigues e Francisco Silva; **Quadro Amarelo** — Américo Bertolini, Dino Siqueira, Sidnei Normanthon, Pascoal Mineli, Otávio V. Oliveira, Jacó Rodrigues, Sancho Bitencourt, Roque Pinheiro, Cristiano Pedrosa, Benedito Cruz, Boaventura Araújo e Antonio Zega; **Quadro Vermelho** — Frederico Fuller, Atilio Bragantini, Bruno Poltronieri, Américo Fábri, Eugênio Zichel, Pedro Giuntini, João Covelil, Alberto Carneiro, Henrique West, Frederico Klausen, Artur Zonha, Luiz Trevisoli e Américo Sacoman; **Quadro Preto** — João Siqueira, Pedro Oliveira, Nestor Simões, Angelo Wrughner, Ferruccio Ferracini, André Sereño, Nicomedes Correa, Felipe Palmieri, Benedito Ferreira, Antonio Onofre, Antonio Ricci, Luiz Del Chiari e Rosário Bruno; **Quadro Verde** — William Gorst, James Chiten-

dem, Inácio Rodrigues, Edward Krausman, José Gomes Carneiro, Juvenal Pedrosa, Lindolfo Barbosa, Ramiro Durval, Carlos Elg, Cincinato Faber, Luiz Teixeira Barros, Ferdinando Wrugher e Otaviano Faber.

De todos os nomes acima citados, Rogério Rodrigues desempenhou alto cargo na Federação Paulista de Futebol, tendo, em 1952, viajado para a Europa, em missão especial da entidade, onde foi contratado juiz para o futebol paulista.

Cada quadro devia apresentar dois juizes para os jogos que se realizavam aos domingos, às 15h30m. O campeonato de que estamos nos ocupando teve o seu início em 11 de abril de 1915 e seu término estava previsto para 31 de janeiro de 1916, o que, no entanto, não aconteceu. Na sequência desta leitura explicaremos os motivos.

Contaremos, a seguir, dois casos pitorescos que bem dizem das modalidades em que eram disputadas as partidas do campeonato há mais de 60 anos.

No dia 15 de agosto realizou-se o jogo entre os quadros Branco e Azul. O desenrolar do encontro foi normal, mas, no seu final, aconteceu esta coisa inusitada: o juiz esqueceu de apitar o término

do jogo, que prosseguia já 11 minutos além do tempo regulamentar, quando foi marcado o segundo gol do quadro Azul e, com ele, a vitória dessa equipe, pois, até aquele momento, o resultado era de 1 a 1. O sr. José Camilo, "capitão" do quadro Branco, entrou com uma moção de protesto junto à diretoria, pedindo a anulação do jogo. Esta indeferiu o pedido, levando os representantes do quadro Branco a recorrerem à Assembléa Geral.

Em 17 de setembro realizava-se a Assembléa Geral e a questão levantada pelo quadro Branco foi colocada em votação. Os recorrentes ganharam a causa por 17 votos contra 15. A diretoria, em vista de tal resultado, sentiu-se desprestigiada e demitiu-se incontinenti.

Este esboço de crise no clube não teve maiores consequências, pois o sr. José Camilo, interpretando o parecer dos seus colegas de quadro, em resultado do que estava acontecendo, solicitou aos diretores que não se demitissem e retirou o protesto que pedia a anulação do jogo, ficando, assim, aquela assembléa sem nenhum efeito. Com isso concordaram os 17 associados que votaram a favor do quadro Branco. (Convém notar que a maio-

ria desses votos era dos próprios jogadores que, como já explicamos, deveriam ser sócios para poder jogar).

Terminou, assim, tudo em paz, eis que, acima dos interesses dos quadros, estava a harmonia na sociedade.

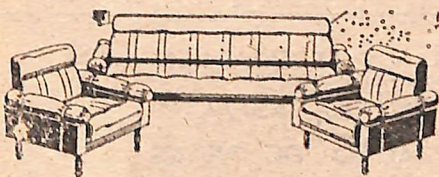
Outro "caso" surgido foi com respeito à última partida do campeonato e que deveria, como já escrevemos antes, ser jogada em 31 de janeiro de 1916. Os quadros Azul e Vermelho estavam empatados em primeiro lugar. No entanto, como muitos jogadores estavam em atraso com o pagamento de suas mensalidades, a diretoria, de acordo com os estatutos, suspendeu-os. E, no dia marcado para o encontro, as duas equipes não possuíam número suficiente de jogadores para entrar em campo. Assim o campeonato de 1915 acabou terminando sem um campeão.

Antes de terminarmos esta descrição, queremos fazer a comparação do que era um jogador de futebol naqueles tempos e de sua condição atual no profissionalismo. Há dez lustros passados, o jogador que atrasasse com o pagamento da sua mensalidade ficava suspenso e não podia jogar enquanto permanecesse em débito com o clube. Hoje ocorre o contrário: é o clube que tem que enfrentar mil dificuldades — uma delas, o atraso no pagamento de mensalidades pelos associados — para saldar seus compromissos com os jogadores, ficando muitas vezes devendo a eles.

Jogos amistosos — Eram estes os quadros do Paulista F. C. em 1915: 1.º quadro — João Siqueira, Augusto Bueno e William Cordtz; Jacó Rodrigues, Frederico Fuller e Américo Bertolini; Dino Siqueira, Antonio Giovanni, Atilio Bragantini, Benedito Bueno e José Camilo. 2.º quadro — Bruno Poltronieri, Pedro de Oliveira e Nestor Simões; Pedro Giuntini, Tancredo Siqueira e Guilherme Aranha; Alexandre Bizeti, Juvenal Pedrosa, Ernesto Duarte, A. Fábri e Carlos Orsi; 3.º quadro — Sidnei Normanthon, Inácio Rodrigues e James Chintenden; Angelo Wrugher, Henrique West e Sancho Bitencourt; Lindolfo Barbosa, Emilio De Nardi, Emídio Pires, A. Zoper e Z. Minele. (Notem os leitores que muitos dos integrantes destes três quadros oficiais saíram dos que disputavam o campeonato interno, que era uma verdadeira escola para formação de jogadores profissionais).

O Paulista de Jundiaí disputou onze partidas durante o ano de 1915, sendo 8

PARAISO dos MOVEIS



TELEVISORES

DORMITORIOS

ESTOFADOS

rua dr. torres neves 495
fone: 6.1217 • Jundiaí • s. p.

* EUROPA 76 *

IDA E VOLTA À EUROPA POR APENAS CR\$ 6.000,00. PARTIDA EM 24 DE MARÇO E A VOLTA EM 13 DE ABRIL.

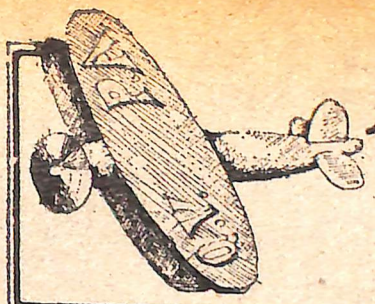
INFORMAÇÕES SOBRE ESTA MARAVILHOSA OPORTUNIDADE:

ABITE TURISMO

ROSÁRIO, 585 - TELS. 6.1530 * 4.3922.



José Fagiano Júnior conta na próxima semana como chegou água ao campo do Paulista



O QUE VAI PELOS ARES



*O susto
vem aí*

Depois de "Gabriela", vai começar "O Grito", original de Jorge de Andrade, que estreia no dia 27 de outubro. Walmor Chagas, Teresa Rachel, Ruth de Souza estão no elenco.

Com "O Medo", às 8 da noite, e "O Grito", às 10, a programação de novelas da Globo ficará, como diria Bob Carlos, "terrível"! (E.M.)

O suspense a serviço do Bem

Outra noite, vi "Topázio" (lembra-se?) na Tv: Hitchcock a serviço da CIA.

Barbudos cubanos que embrulham sanduíche em documentos, que vivem nababescamente com suas amantes revolucionárias, que jantam do bom e do melhor (comprado no

câmbio negro), que torturam camponeses indefesos. Revelações incríveis sobre os comunistas do Caribe.

E eu pensando que só japoneses e alemães e russos e chineses (cada um a seu tempo) fossem tão selvagens! (E. M.)

"Santos Dumont" no caminho bom

Um mal menor

Já que você vai mesmo passar o domingo inteiro vendo TV, comece uma hora antes do seu amado "Silvio Santos" e veja "Concerto para a Juventude", no mesmo Canal 5.

Você não vai sentir a mesma alegria de viver, mas é capaz de ouvir alguma poesia de Carlos Drummond de Andrade ou Manuel Bandeira — o que vai lhe penitenciar pelas 8 horas de emocionantes atrações do SS. (E. M.)

Sai Janete, entra Janete

Pode parar de chorar pelo "Roque Santeiro". Já está pronta a nova novela das 8, da Globo.

Chama-se "O Medo", de Janete Clair (ho, que surpresa!), que passa a batuta de "Bravo!" para Gilberto Braga.

Segundo a emissora, Gilberto Braga manterá a mesma linha seguida por Janete. Bem feito. (E. M.)

Uma atitude digna do maior respeito é a programação "ao vivo" que a Rádio Santos Dumont continua mantendo, dando oportunidade a que artistas mostrem seus trabalhos... e faturem algum.

Pelo que eu sei, a maioria dos programas transmitidos do auditório é de música sertaneja — que eu acho muitíssimo válida.

Sugestão ao Barranqueiro e ao Gilson Lino: por que não fazer outras modalidades, criando oportunidade para que outros músicos também mostrem o que estão fazendo?

Quem sabe até, um dia, a Santos Dumont possa assumir o comando dos festivais que acontecem por aí, em âmbito restrito, mas que têm revelado muita gente boa. (E. M.)



HORÓSCOPO

ARIES (21-3 a 20-4)

Carneirinho, carneirão. cuidado com esses balidos. O lobo pode achar que você está subvertendo o silêncio da floresta. Ou você, ou seu pai, ou seu avô, aquela história de sempre.

TOURO (21-4 a 20-5)

Um de vocês, geminianos, está sob suspeita. Identifiquem-se, expliquem-se, parem de ser tão parecidos.

GÊMEOS (21-5 a 20-6)

Um de vocês, geminianos, está sob suspeita. Identifiquem-se, expliquem-se, parem de ser tão parecidos.

CANCER (21-6 a 21-7)

Evite andar de lado, caranguejo. Prossiga sempre no centro, bem no centro. E procure não esbarrar nas extremidades, nem de leve.

LEÃO (22-7 a 22-8)

Esqueça a majestada e meta-se na sua toca. A temporada de caça está aberta. E tá cheio de zarolho dando tiro por aí.

VIRGEM (23-8 a 22-9)

Eu sei que teu passado é limpo, que você nunca foi dessas coisas. Acontece que ninguém está querendo saber disso, hoje em dia: amolou, pimba!

BALANÇA (23-9 a 22-10)

Todo esse teu equilíbrio não quer dizer nada. Balança. O prato do lado de lá pode te comprometer. Você é assim mesmo? Eles também são, minha filha.

ESCORPIÃO (23-10 a 21-11)

Em tempo normal, você já tem um ar de traíçoeiro. Imagine agora. Tente mudar, troque o teu veneno por água de colônia, spray, coisas assim.

SAGITÁRIO (22-11 a 21-12)

Você não correrá perigo, desde que coloque a sua metade traseira a serviço dos cavaleiros do apocalipse. É uma saída, homessa!

CAPRICÓRNIO (22-12 a 20-1)

Esse teu chifre enrolado pode te complicar. Faça como os veados: desgalhe.

AQUÁRIO (21-1 a 19-2)

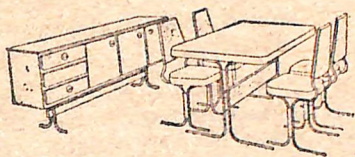
Eu sei que é trinca, você sabe que é trinca, nós sabemos que é vazamento. Acontece que, visto do lado de lá, pode parecer infiltração. Cuide-se, aquariano(a).

PEIXES (20-2 a 20-3)

Mantenha boca fechada. Porque tudo isso aí é isca, pisciano. E o que tem de isca artificial peiaí, não é mole.

PROFA. ZULEIKA

CASA de MOVEIS PRIMAVERA



MOVEIS EM GERAL
ELETRODOMESTICOS
E ARTIGOS PARA PRESENTES
RUA DR. TORRES NEVES, 512
fone: 6.1222 -- Jundiá -- s. p.

COMPRE A PRAZO E SEM JUROS NO



barão
782-788

REI DAS ROUPAS FEITAS



COZINHA
JUNDIAIENSE
LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA - 408

FONES: 6 6392 & 6 2461

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-4775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

Aprenda a ver os comerciais de TV

Se você prestar bem atenção, vai descobrir que nem tudo o que lhe é oferecido nos comerciais de TV é compensador. Por exemplo:

* Pra comer hamburgers Texas, você tem que ser meio debilóide, andar vestido de Roy Rogers, apanhar do seu filho, lavar as mãos e, pior de tudo, ser casado com uma americana branquela igual bicho de goiaba.

* Se você fumar Minister, vai achar um canhão enferrujado no fundo do mar e vai ter que colocá-lo na sala da sua casa. Cabe?

* Hollywood, então, nem dá pra fumar: ou você está com as mãos presas naquela asa de lona, sobrevoando a Guanabara, ou está pulando feito doido dentro de um bugue, no deserto.

* Desafinado como você é, jamais irá saborear o pão de leite Pulmann, uma

vez que, pra comprar, você, sua mulher e sua filha têm que cantar no supermercado. Mas, mesmo que você consiga, se o teu patrão souber disso, você ainda acaba perdendo o emprego, pra largar mão de bancar o bobo na frente de todo mundo.

* Pior ainda é você comprar um carpete Tabacow e ter que passar o dia inteiro dando cambalhota. E sua mulher, você acha que ela tem físico pra isso?

* Fumar Carlton é outro mau negócio. Você tem uma casa bacana, lareira, música de câmara na vitrola estéreo, estatuetas caríssimas. De repente, vem um tipo que nem dá pra ver quem é, estica a mão e leva o teu cigarro embora. Sem contar que, numa dessas entradas e saídas, ele ainda pode roubar algumas das tuas raridades.

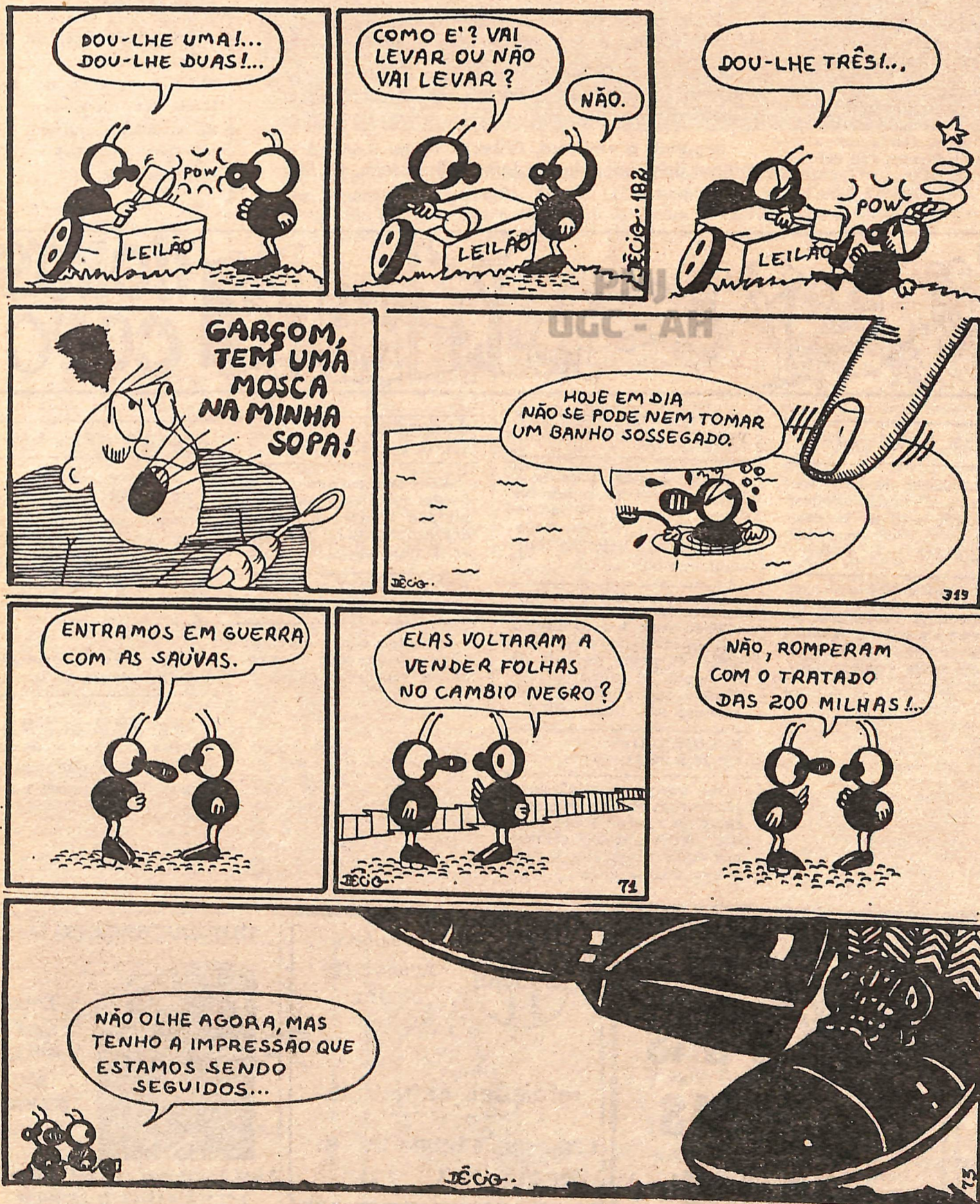
* Fazer mudança pela São Cristóvão, tá certo, pode ser rápido. Mas o que tua família te esculhamba, francamente. Se você fosse homem de verdade, não aturava aquilo, não!

* Vai num revendedor autorizado Volkswagen, vai. E sai dançando com ele em volta dos carros, passinho pra cá, voltinha pra lá. Tamanho marmanjo como você, vai ficar muito engraçadinho fazendo dessas coisas, muito mesmo!

* Ou então bota um daqueles conjuntos cáqui da Ducal, pega a espingardinha e vai caçar ali na esquina da rua Barão com a praça da Matriz. Dou dez minutos para que a cana baixe e te leve. Vendo estrelinhas, igualzinho no fim do comercial, cial, cial!

JERRY DELLE MASCHIO

GIL



Ano político oficializará o carnaval

Está se falando, já com uma frequência que não deixa dúvidas, que o carnaval do ano que vem será oficializado pela Prefeitura. Isto é o que queriam os "cartolas" do nosso samba desde há seis ou sete anos. Secas prolongadas e inundações diluvianas impediram a administração anterior de ir além do primeiro ano, quando já encontrou verba e providências em andamento deixadas pelo antecessor. Agora, passados três anos da gestão atual e negando uma predisposição noticiada logo nos primeiros dias de governo, qual seja, a de não dar colher de chá alguma às escolas de samba e blocos carnavalescos, a festas populares e nem mesmo ao futebol, começa a ganhar sentido o comentário de que o prefeito vai sair com tudo no último ano de seu mandato, talvez até agitando um tamborim do "Se morrer não faz mal".

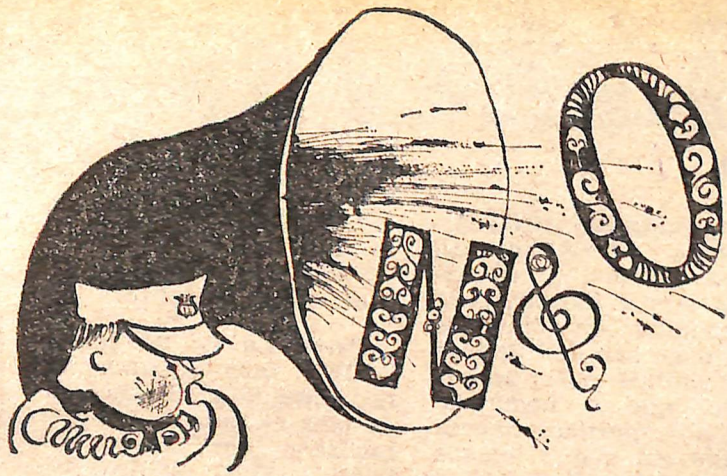
Falando em movimentação carnavalesca — e pela primeira vez com tanta antecedência —, há que se ressaltar o esforço da moçada do "Se morrer não faz mal", que saiu, no ano passado, sem ajuda oficial e botou mesmo pra quebrar, ao lado do "Estamos na Nossa", dos "Acadêmicos do Retiro", da Escola da Vigorelli, todos atrás do trio elétrico. O batucundum já está começando e tudo indica que não vai morrer não.

Marco Antônio (Napão) Otero, um dos "cartolas" dessa escola de samba nascida na Cica, diz que "se o carnaval for realmente oficializado e se nossa escola não for a campeã, vai sair de "mico de circo" na terça-feira gorda. Quer dizer: vai sair de qualquer maneira.

A tese do Napão (aprendida com sua vovozinha) é esta: "Não existe pessoa incapaz ou incompetente; o máximo que pode acontecer pra ela é servir de exemplo aos demais..."

Completamos: "...servir de bode expiatório ou a interesses eleitoreiros".

Celso F. de Paula



EROSÃO: MILAGRE DAS CHUVAS?

Existem vários tipos de erosão nesta cidade. Seja nas finanças municipais, na inteligência retórica, na velha força política ou, mesmo, nos terrenos "tratados" pelas diversas administrações públicas. Não bastando isto, um novo tipo de inseto, chamado Centropogon Erosivos, está atacando algumas regiões de Jundiá. Ele provoca erosão nas ruas e avenidas de terra e sua incidência maior é na época das chuvas.

E essa época está para começar. Pelas enxurradas, vamos ter cataratas para ter turismo, a lama vai tomar conta da cidade e, depois, quando secar, teremos os "canyons" entre os vales (dos cofres públicos) e "fiords" à beira dos rios. E seremos felizes pelo resto de nossas vidas. Mesmo assim, voltaremos ao assunto, já que o mal é cíclico. OCF/ESF

COM UM CARNAVAL MAIOR (I)

Em 1973 o prefeito Ibis Cruz declarou que em sua gestão não haveria verba para festas como o carnaval. O Jornal de Jundiá organizou uma comissão e foi ao prefeito. Estava entre os que foram pedir ao prefeito a oficialização do carnaval e ouvimos gatos e lagartos do sr. Ibis. Ao que tudo indica, para 76, as coisas mudaram e J.J. mais Prefeitura farão um carnaval nunca visto antes em Jundiá. Por coincidência o ano que vem é o das eleições municipais.

(PICOCO)

SINAL FECHADO

Av. Paulista, à direita, al. Campinas, à direita novamente, São Carlos do Pinhal. O trânsito pára. Onze e meia. Milhares de mocinhos, com conga, livros debaixo do braço, barba por fazer, calça Lee, junto com moçoilas, tênis conga, livros debaixo do braço, imberbes, calça Lee, saem do cursinho Objetivo. No mesmo prédio, quatro andares lá acima, moções des-camisados, capacetes protetores, sobremesam-se nos andaimas, quietos, olhando o movimento do povinho. O prédio em acabamento abriga esses quase universitários, colegiais, o que sejam. Os carros andam devagarzinho e todos se observam. O futuro está pronto. Eduardo.

(EDUARDO)

SUPERSONICOS PARA A CÂMARA?

O advogado Reinaldo Basile, num de seus comentários pela Difusora, também meteu a boca naquela história (ou estória?) de se comprar um avião para uso conjunto Câmara-Executivo. Ruborizado, o vereador Romeu Zanini pediu da tribuna da Câmara que se formasse uma comissão, permanente para censurar as indicações apresentadas em cada sessão. Zillo apoiou a proposta, lembrando que seria serviço para C. J. R. O presidente Carlos Ungaro ponderou: "O vereador pode indicar até a compra de dez aviões a jato. Cada qual responde pelo que faz." Que tal, Bonassi, indicar a vinda do novo aeroporto para cá?

(C. F. P.)

QUEIROZ: UMA REVELAÇÃO...

— Queiroz, você não passa de um grande fotógrafo! Esta frase Francisco Alves de Queiroz cansou de ouvir. Nascido em Manaus em 1945, paude-arara legítimo, escapou dos selvagens amazonenses e veio fotografando seu caminho até hoje. Começou no Exército em 1965. Os prêmios que ganhou são suficientes para dar curriculum base para qualquer um que queira entrar para o Life. — Faço foto comercial, hoje, para sustentar a arte. Irriquieta, sensível e tímido, quando trabalha não fala, mas presta uma atenção. Sua objetiva, na verdade, traduz fácil uma cena. Durante uma entrevista, ele é capaz de sentir qual é o climax da conversa e faz seu registro espontaneamente. As vezes exagera: já fotografou um raio. Em 1973, cabo do Exército, ganhou o 1.º prêmio "Preto e Branco", na Categoria Militar da Ativa, e o 3.º prêmio "Colorida", da mesma categoria. Trabalha em jornal e tem suas fotos sempre publicadas, o que lhe dá grande possibilidade de ação. Em Jundiá, continua um trabalho que aos poucos, foi sendo esquecido: mostrar fotografias. Fez em julho último uma exposição individual no Jund-Hobbies. Sucesso total. Pretende que a foto atinja o valor de um óleo, de uma gravura.

— A foto é um registro. Tanto pode ter seu valor histórico, como documento, quanto pode fixar um momento, ilustrando um fato. Mas na fotografia sempre existirão os elementos básicos da composição que farão dela uma obra de arte. Mas para isso... Queiroz não deixa dúvidas, fotografa, registra e compõe.

TOPÁZIO NO VAREJO

De repente revê, pela primeira vez, na última segunda-feira, pela TV o filme "Topázio". Um francês serve ao governo americano. Um dominicano serve também. Um Hitchcoc também. Só que, como em todo bom rapto, todos voam para Cuba. E lá, as precisidades da pedra em questão: num palanque, com severos microfones pros-tados à sua frente, el diabolico Fidel inicia rápido (para nosotros) discurso que irá dar origem ao incidente da baía dos Porcos.

Os menores de 21 não sa-cam essa porque se passou em 1963 e nem mesmo conhecem o outro personagem de skol da época que faz uma ponta neste mesmo lance: Ernesto "Che" Guevara, o suspeitíssimo líder das selvas. Para esta cena, pano rápido. Depois entra Paris na jogada e num daqueles salões de Versalles, tudo se resolve. Mesmo esta cena poucos conhecem.

O suspense mesmo foi o do Hitchcoc, que numa chegada de aeroporto, levanta-se de uma cadeira de rodas para ser cumprimentado. Isto aconteceu em Nova Iorque. Em tempo, a boutique da moda em Londres, em 1971, chamava-se "Che Guevara". Lindo, lindo, lindo. Um ótimo microfilme que vai direto para os arquivos.

EDUARDO



BATACLÁ EM ITATIBA

Vira-Mundo, que os jundienses apelidaram de Bataclá, é um barzinho na estrada Jundiá-Itatiba, à esquerda de quem vai, quase chegando. Lá os proprietários são muito simpáticos e recebem muito bem o pessoal aqui da terra. Sexta-feira, dia 19, comemorando o aniversário do Jacobo, um grupo de oportunistas acabou por participar da mesa de Sérgio Bochino, que saboreava um delicioso prato de ostras ao forno, oferta de Mário Alves. Entrei nas ostras também e fiquei freguês. Tem batucada todo fim de semana. É só não confundir com o outro Bataclá e tudo bem.

(PICOCO)

Distribuidora Kinho FRIOS e LATICINIOS EM GERAL

NERY APARECIDO RODRIGUES

R. MARECHAL DEODORO DA FONSECA 282

fone: 6-1521

GLOBO & MUNDO



A edição de 22/9 de "O Globo" publica uma entrevista exclusiva concedida pelo general Pinochet, presidente da junta que governa o Chile. O chefe de Estado desmente a participação da CIA na deposição e morte de Salvador Allende, fala dos esforços para colocar o país no regime democrático e se anima diante do interesse de capitais estrangeiros pela extração de cobre e prospecção do petróleo em terras chilenas. Compre "O Globo". O homem que lê sabe mais.

(E. M.)

COM UM CARNAVAL MAIOR (II)

O bloco "Se morrer não faz mal" esteve reunido no sítio do sr. Izeu Calegari para adiantar preparativos do Carnaval de 76.

Já entrou no plano do prefeito Ibis a partir daí. Não deveria ser diferente, pois ao bloco interessa o Carnaval de rua e não as intenções do sr. Ibis. Mas de desse jeito que a Prefeitura conseguirá o apoio para o seu Carnaval nunca visto antes, ou seja, com a adesão de grupos que esquecem os anos em que o Carnaval foi tido como uma festividade de bagunceiros.

Se há uma intenção eleitoral não faz mal.

(PICOCO)

A BELA DA TARDE



A "Folha da Tarde" do dia 24/9 publica uma nota assinada por Nildo Carlos de Oliveira (deve ser bisavô do Frias), intitulada "A pornografia está à solta", na qual, depois de citar três ou quatro títulos imbecis de chanchadas brasileiras e italianas, apela para que haja mais censura.

O comentário termina dramaticamente, dizendo que é um absurdo a gente acordar todos os dias invadida por sócios, coxas e nádegas.

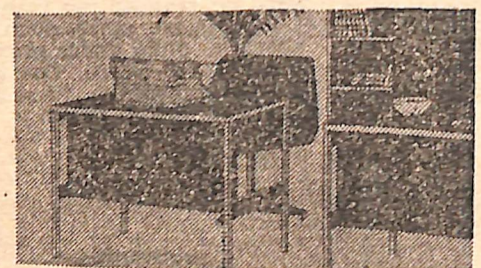
Compre e leia "A Folha da Tarde". O homem que lê vale mais.

(E.M.)

ATENÇÃO

Sua assinatura do Jornal de 2.a ainda custa apenas Cr\$ 100,00. E assinando nesta semana você pode receber de graça todos os números que faltam na sua coleção.

Aproveite. Telefone: 4-2579.



COMERCIAL

PANIZZA

LTD.A.

r. Barão De Jundiá 427
tel.: 6-8231

Inos vai longe

"Comune di Castelbaldo, li 5 settembre 1975.

Inos caríssimo,

Dopo tutto questo lungo silenzio,"... É o prefeito de Castelbaldo escrevendo para seu particular amigo Inos Corradin. Ele quer comunicar ao Inos que toda a cidade de Castelbaldo está em festa esperando pelo Inos para comemorar seu triunfo.

É toda uma comunidade à qual Inos pertence, nasceu lá, que se engalana, prepara festas para receber a próxima visita do ilustre pintor, artista internacionalmente conhecido Inos Corradin. Vão lhe prestar uma homenagem. Estão muito orgulhosos de ter um filho pródigo, à distância, se consagrando. Inos o enviado especial de Castelbaldo, ao sucesso, ao reconhecimento internacional, do que um povo, tradicionalmente pictórico, o italiano, pode continuar fazendo.

Comunicaram à Província de Pádua, à Camera di

Commercio, Industria, Artigianato ed Agricoltura que a Comuna di Castelbaldo tem a indicar, para a medalha de ouro de 1975, onde são distribuídas uma vintena delas anualmente, que o nome de Inos é, "particularmente distinto em sua atividade profissional no Exterior", e por isso, merece a comenda. O Sindaco Albino convocou a Camara e ela, por unanimidade, decretou que, pelas suas distinções em tão difícil disciplina, a cidade, vestida de orgulho, receba festivamente seu honrado filho.

Jundiaí, 4 de outubro de 1975. Inos Corradin, pintor profissional, rumo a Viracopos quando deve tomar um avião com destino a Paris. Chega dia 5 e inicia as preparações de uma exposição individual que fará na Galeria Debret com início dia 14 do corrente. Esta Galeria fica à rue Boetie, 16, Champs Elises. O convite lhe foi formulado pelo Ministério das Relações Exteriores, através do Itamaraty, para que ocupasse as depen-

dências desta Galeria, para uma exposição de seus trabalhos. A mostra irá até o dia 31 de outubro.

Paris, 1.º de novembro de 1975. Inos embarca para Estocolmo. Participou de uma exposição coletiva realizada em agosto na Suécia. Seus quadros foram requisitados para uma individual lá.

Ele vai a Suécia acertar detalhes desta futura mostra. Depois, durante 5 dias estará fazendo uma mostra-relâmpago em Beersheba, em Israel, a terceira cidade do país. Em seguida, Itália, parentes e amigos, Castelbaldo e as homenagens. A festa, o reconhecimento, o orgulho de seu povo.

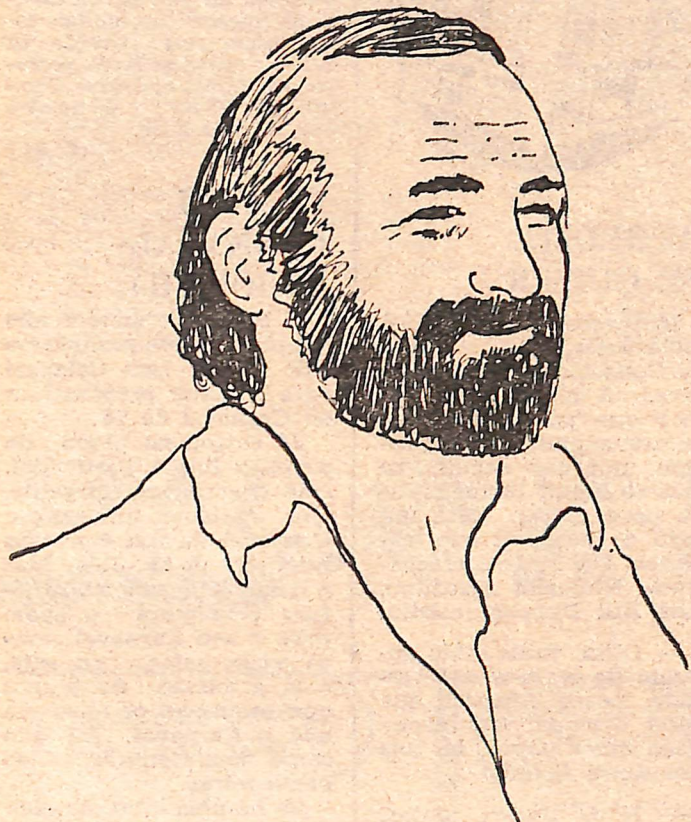
Inos Corradin, cidadão jundiaense, a Câmara local lhe conferiu o título. Inos tem amigos na cidade. Estes frequentam sua casa todo dia, todo fim-de-semana. Agora, quando ele parte para esta "saison" mista, Europa-Oriente Médio, ele mesmo prepara um "brodo". Recebeu sábado seus amigos para comunicar sua ida.

Talvez a revista "Manchete" volte a entrevistá-lo, na volta. Talvez ele tenha que expor em Nova Iorque, Amsterdã, Bruxelas, sabe-se lá onde, o mundo é enorme, e todos gostam do que é bom. Ele tem a glória em vida, mas mora em Jundiaí. Aos desavisados, comunicamos, sem timbres oficiais, que quem não for ao aeroporto, pelo menos para acenar do mirante para o Inos, desejando-lhe mais sucesso, boa estada e breve regresso, morrerá com a boca cheia de formiga.

Apertem os cintos e desejem a ele boa viagem. Um abraço.

Assinado: Harry Laus.

EDUARDO



Esta é a opinião da crítica

O abalizado crítico de artes Harry Laus, emite seu parecer a respeito do trabalho de Inos. Esta sua opinião é oficial e irá apresentar a atual exposição do pintor ao público francês, desde que Laus seja membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Ei-la na íntegra:

INOS CORRADIN

Muitos brasileiros se espelham em Paris, Londres ou Nova Iorque para construir uma obra "up to date". Outros viajam por essas cidades para saber o que se passa, amadurecem na técnica mas voltam com a mesma pintura que

levaram. É o caso, por exemplo, de um Antônio Henrique Amaral, de um Antônio Maia. Continuam fiéis à tradição do óleo sobre a tela, desenvolvendo uma pintura de raízes brasileiras na figuração de bananas ou "ex-votos".

O caso de Inos Corradin é mais amplo. Dono de uma excelente técnica, permite-se variar a gama de criações abordando com sucesso tanto a paisagem, como a natureza morta e a figura humana. Mas é sempre ele. A pintura de Inos é de tal maneira pessoal que não se confunde com a de ninguém. Traz sua "marca re-

gistrada" nas formas, nas cores, na veladura inconfundível.

Na tranquila cidade de Jundiaí, a menos de 60 quilômetros da gigantesca São Paulo, Corradin atravessa todos os dias sua rua para ficar só no estúdio. Uma solidão colorida em tons baixos, às vezes rompida pelo grito amarelado de um limão ou a fachada vibrante de uma casa. Fora essas exceções, a pintura de Inos é sempre contida, séria, contrastando com sua maneira de ser: alegre e extrovertido.

De certa forma ela desmente De Chirico que re-

centemente afirmou quase não mais existir, em nosso século "um quadro pictoricamente bem pintado, com técnica de qualidade". Inos Corradin figura entre os poucos que se salvam da generalização do mestre italiano porque possui "inteligência pictórica" que produz a pintura de qualidade.

Os quadros estão aí, nas paredes da Galeria Debret. Tenho a mais absoluta certeza de que eles não desmentem as minhas palavras. São Paulo, outubro de 1975.

E a luta começou.

Achei que teria que haver uma redução. Insisti e insisti. Nada, o "velho Chico" entendera o meu entusiasmo e parecia querer tirar partido dele.

Eu havia perdido o primeiro tempo, o primeiro "round" ou a primeira "bateria".

Perdida a batalha do "quantum", restava a batalha das "condições". E o melhor seria esperar por ela, mudando para outro assunto, dando a entender que já não havia mais interesse na compra. E conversamos sobre o sexo dos anjos, deixando para trás a "carretera Chevrolet".

E deixamos a oficina — o Chico, o Betelli e eu.

Eu precisava agora esfriar o entusiasmo do Chico, até então esquentado pelo meu.

E voltamos à casa e à toca da velha raposa. E falamos até num encontro no sítio do Betelli, no Jacaré. Um outro dia. Um dia qualquer. Bem jogado no futuro, na base do depois eu telefonei (aquela época o telefone de Jundiaí para São Paulo ainda funcionava).

E quando os apertos de mão já haviam sido trocados no que eles pensaram que fosse mesmo a despedida, quando eu tive a convicção de que a "velha raposa" já me via como apenas um curioso a mais a vir perturbar o trabalho, voltei à carga:

— "Dou Cr\$ 500,00".

Pensei que ele fosse aceitar.

A raposa apenas sorriu. O Chico sempre foi um bom negociante. Como gostaria de saber a versão dele neste negócio. Até onde ele também jogou comigo. Que lição terminaria propiciado.

Sorriu e disse: "Não".

— "Então a única coisa que posso oferecer, para valer a pena pagar o que você pediu, são 10 de Cr\$ 60,00, sem entrada".

Ficamos na dependência de o sócio dele aceitar a oferta. O sócio do Chico Landi na "carretera" era o Jean Louis Lacerda Soares, já àquela época, diretor da concessionária Marcas Famosas, em Santo Amaro. Hoje, no mesmo cargo e local, é o responsável também por uma das melhores equipes de Fórmula Super-Ve que disputam o Campeonato Brasileiro.

E por telefone o "Chico" obteve a aprovação do sócio. Na mesma hora.

A vontade de já ir para Jundiaí com o carro era muito grande, mas seria preciso fazer uma pequena revisão antes de colocá-lo em marcha. E o "Chico" disse ao velho "Cacau" que a fizesse. E que eu voltasse no dia seguinte.

Que noite de espera. Que vigília.

ANTÔNIO CARLOS AVALLONE

A CORRIDA DO OURO

É o "Chico Landi" alinhou todas as qualidades da "carretera Chevrolet". O tempo confirmou as qualidades. Era realmente, no gênero, um bom carro de corridas.

Ele por certo já se apercebera do meu entusiasmo. Entusiasmo que eu precisaria dissimular daquele momento em diante, sob pena de realizar um mau negócio.

Eu já me sentia dono do carro. Sabia que chegaria onde fosse preciso aquela "coisa". Perguntei o preço. Cr\$ 600,00. Tive certeza de que era minha. Para não perder o costume, reclamei do preço.

